

**FELIPE DA COSTA NEGRÃO
(ORGANIZADOR)**

MÁ-TEMÁTICA & MATEMÁTICAS

**TRAVESSIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS
DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL**

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

MATEMAFOBIA

**MÁ-TEMÁTICA E MATEMÁTICAS:
TRAVESSIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE
PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL**

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof.^a. Dr.^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof.^a. Dr.^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro

Prof.^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof.^a Dr.^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Prof.^a Dr.^a. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof.^a Dr.^a. Elane da Silva Barbosa-UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Felipe da Costa Negrão
(Organizador)

**MÁ-TEMÁTICA E MATEMÁTICAS:
TRAVESSIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE
PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL**

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2024

© 2024 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2024 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos,
Belém - PA, CEP: 66045-315

Editor-Chefe
Prof. Dr. Ednilson Ramalho
Diagramação
Worges Editoração
Revisão de texto e capa
Organizador

Bibliotecária
Janaina Karina Alves Trigo Ramos-CRB
8/9166
Produtor editorial
Nazareno Da Luz

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)



M425

Má-temática e matemáticas: travessias (auto)biográficas de professores em formação inicial / Felipe da Costa Negrão (Org.) - Belém: RFB, 2024.

Livro em pdf.
72p.

ISBN: 978-65-5889-701-9

DOI: 10.46898/rfb.71eacd1a-8ec1-43ae-9fde-75b5176522d2

1. Formação de Professores. I. Negrão, Felipe da Costa (Org.). II. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
CAPÍTULO 1	
TRAVESSIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: O USO DO DIÁRIO COM PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL	11
Felipe da Costa Negrão	
CAPÍTULO 2	
QUERIDO DIÁRIO: A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA DE UMA PROFESSORA QUE ENSINARÁ MATEMÁTICA.....	17
Luana Alfaia da Costa	
CAPÍTULO 3	
MATEMÁTICA EM AÇÃO: PERCEBENDO O MUNDO DOS NÚMEROS ATRAVÉS DO CONTAR DE SI.....	23
Mayane Serrão da Silva	
CAPÍTULO 4	
MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS COM A MATEMÁTICA: UM INVENTÁRIO DE SI NA CONDIÇÃO DE PROFESSORA EM FORMAÇÃO	29
Rosiane da Silva Barbosa	
CAPÍTULO 5	
A MATEMÁTICA ONTEM E HOJE: REFLEXÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO.....	35
Josiane Lima Cavalcante	
CAPÍTULO 6	
TRAMAS E TRAUMAS COM A MATEMÁTICA: UMA IMERSÃO (AUTO)BIOGRÁFICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	41
Suzana Evilly Gomes Atayde	
CAPÍTULO 7	
UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: RESSIGNIFICANDO AS PRÓPRIAS EXPERIÊNCIAS.....	49
Hyandra Nayara Bacury Rodrigues	
CAPÍTULO 8	
NEM TUDO SÃO CÁLCULOS E FLORES: O CONTAR DE SI E A CONSCIÊNCIA DE QUE SER LGBTQIA+ NO BRASIL É UM ATO DE RESISTÊNCIA	55
Gabriel de Castro Vieira	

CAPÍTULO 9

MINHA NADA MOLE VIDA MATEMÁTICA 59

Aghata Beatriz Bezerra Jensen

CAPÍTULO 10

**DIÁRIO DE UMA PROFESSORA QUE ENSINARÁ MATEMÁTICA EM (TRANS)FOR-
MAÇÃO 63**

Kellen Vitoria Costa de Oliveira

SOBRE OS AUTORES 70

PREFÁCIO

Para iniciar este prefácio, considero oportuno compartilhar um pouco sobre como as nossas histórias, tanto a minha quanto a de Felipe, se entrelaçaram. Isso se deve ao fato de que, para um autor confiar a primeira leitura de sua obra a alguém, é necessário existir uma relação de carinho e confiança. Desde o convite inicial e o primeiro contato, tenho sentido esse vínculo, algo que me lisonjeia profundamente.

Minha primeira conversa com o Felipe aconteceu em 16 de maio de 2023, quando, na oportunidade, recebi o convite para participar de sua banca no Workshop de Ensino Tecnológico I. Seria mais um convite, dentre muitos que a gente recebe, se não fosse a sensibilidade com que ele foi feito. Nunca havia recebido um convite daquela forma, tão sensível. A pesquisa narrativa nos aproximou e, por isso, não poderia escrever esse texto de outra forma senão narrativamente, até para ser fiel à forma como ele é escrito.

Logo de cara, ao ter contato com o livro enviado pelo Felipe, me senti capturado pelo título: **“MÁ-TEMÁTICA E MATEMÁTICAS: Travessias (auto)biográficas de professores em formação inicial”**. Criei muitas expectativas, mesmo antes de ler a produção, e me antecipo a dizer que todas elas foram superadas após a leitura e pelo que nos revelaram cada um e cada uma das autoras dos capítulos. Perceber as nuances com que cada um dos “indivíduos interpreta o mundo a partir de uma dada perspectiva, de determinados interesses, motivações, desejos, entre outros [...]” (Weller e Zardo, 2013, p. 132) nos leva a entender que a realidade não pode ser concebida “sob o princípio de validade universal” e que cada uma dessas histórias, ou os “lampejos” do que foi contado pelos autores e pelas autoras, nos faz revisitar as nossas histórias e, nesse entrecruzar, ressignificarmos algumas concepções. É como se contássemos, a partir desse “encontro” que a obra nos proporciona, uma outra história.

Logo de cara, percebi o que fez o Felipe quando decidiu organizar esta obra. Ele, como bom pesquisador narrativo, percebeu desde cedo a importância de proporcionar aos futuros professores “oportunidades para acessar e refletir sobre suas experiências, pois é por meio dos processos narrativos, que envolvem episódios de história de vida, que se viabiliza a reflexão sobre as suas histórias de vida, sua formação e o seu desenvolvimento profissional” (Oliveira, 2011, p. 232). Nas nuances do que teceu no primeiro capítulo, revela-se que percebe a existência de uma conexão entre os conceitos de formação e desenvolvimento profissional e vê no diário um potente dispositivo para construir uma relação entre as histórias de vida, os conhecimentos da formação e da prática, como forma de mobilização dos saberes docentes (Silva, 2019).

Ao ler os 10 capítulos que compõem este livro, remeti-me em diversos momentos ao que destacou Nóvoa (1991), ao ressaltar a importância de os professores, ao longo de seu processo de formação profissional, identificarem e valorizarem as necessidades e potencialidades a serem descobertas e desenvolvidas. O diário, como dito e reconhecido enquanto potente dispositivo de formação, fez com que nós e eles, autores, [e espero que também, nesse momento, o leitor], percebam a formação como um *continuum*, no qual o futuro professor e as suas histórias de vida desempenham um papel central.

Os capítulos, e isso também já constatou o Felipe que foi “estremecido” com tudo o que o perpassou nessa experiência, sendo fiel ao próprio conceito apontado por Larrosa (2014), indicam que “os diários produzidos pelos estudantes têm revelado duas formas de pensar a disciplina na Educação Básica - a má-temática, temida e experienciada com violência, opressão e atividades de cunho mnemônico. E as matemáticas, no plural, representando as infinitas possibilidades de trabalho pedagógico com os números, medidas, formas e demais conteúdos”. Fiquei a me provocar, ao longo de toda a leitura: *que vivências com a matemática temos promovido, enquanto formadores de professores? Como essas vivências estremecem os futuros professores?*

Para muitas futuras professoras, como foi para a Hyandra Rodrigues, autora do sétimo capítulo, alguns traumas se produziram ao longo de toda sua escolaridade básica. Ela, constituindo-se professora polivalente em um curso de licenciatura, refletiu sobre alguns desses traumas. Ao escrever para a Hyandra do futuro, revela que espera estar

[...] mais segura, sei que traumas não são esquecidos, mas acredito que possam ser superados, assim como as dificuldades. Ao ler isso daqui há algum tempo, quero que tenha a sensação de que as coisas melhoraram, que o receio tenha se dispersado mais ainda, e que não precise mais fazer 5 vezes a mesma conta para ter certeza de que tal resultado seja o certo. Espero que ao ler isso, olhe para trás e tenha a sensação de alívio ao não sentir mais tanto medo de errar, que você entenda que os erros fazem parte para encontrar o caminho certo e que está tudo bem errar, pois é tentando que se aprende. Aprendemos com nossos acertos e erros também. Desde a escrita dessa carta, comecei a trabalhar muito nesse processo, espero que tudo tenha dado certo e valido a pena, e que as coisas estejam diferentes para você quando chegar a hora de ler isso outra vez.

São reflexões como essas, ao longo de todos os dez capítulos que estruturam o livro “**MÁ-TEMÁTICA E MATEMÁTICAS: Travessias (auto)biográficas de professores em formação inicial**”, que nos provocam, nos inquietam, nos instigam e, justamente por isso, nos fazem pensar sobre a nossa formação, desenvolvimento profissional e fazer docente. O meu desejo, ao terminar essa leitura e ao pensar na escrita deste prefácio, é que as provocações dos autores e autoras se misturem com as dos leitores e leitoras e que, esse entrecruzar, provoque um processo reflexivo de constituição de novas vivências, que permitam valiosas

experiências, como as que se revelaram nesta obra. Assim, desejo uma boa leitura a todos e todas!

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva

Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

NÓVOA, António. **Os professores em busca de uma autonomia perdida? Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. 1991.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas de formação: aspectos da trajetória como estudante e experiências de estágio. **Revista Interações**, [S. l.], v. 7, n. 18, 2011. DOI: 10.25755/int.466. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/466>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SILVA, Américo Junior Nunes da.; PASSOS, Carmen Lúcia Brancaglioni. Conhecendo mais sobre a Ludicidade, Formação de Professores e Ensino de Matemática no curso de Pedagogia da UFSCAR. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, v. 4, n. 10, p. 264-282, 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5807>. Acesso em: 29 jan. 2024.

WELLER, Wivian.; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 131-143, 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7444>. Acesso em: 29 jan. 2024.

CAPÍTULO 1

TRAVESSIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: O USO DO DIÁRIO COM PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL

Felipe da Costa Negrão

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Contar de si (trans)forma é a premissa que atravessa este texto (auto)biográfico. Nele, busco evidenciar que as vozes singulares e plurais precisam ocupar o centro do debate das pesquisas com formação de professores, entendendo que “ninguém passa impunemente pela existência” (Telles, 2013, p. 19) e que as experiências vividas são carregadas de sentidos que podem nos conduzir ao conhecimento de si e do(s) outro(s).

Quando afirmo que contar de si (trans)forma, sustento essa perspectiva formativa em estudos narrativos e nas experiências cotidianas em cursos de formação de professores (Souza, 2006; Clandinin; Connelly, 2011; Negrão, 2022). A transformação imbricada ao movimento de contar-se emerge da prática de revisitar memórias e episódios significativos do processo de vir a ser professor, atribuindo sentidos *outros* no presente e prospectando novos caminhos para o futuro na profissão.

Quem conta, sempre conta sobre algo. O algo que me apego nos estudos narrativos que coordeno é a experiência de professores em formação inicial com a matemática – como suas vidas em percurso são afetadas pela matemática, e principalmente como tais afetações produzem sentidos e impactam seu modo de pensar a docência desta disciplina na Educação Básica.

Tais inquietações só podem ser desveladas por meio do “passeio” *entretempos* (passado, presente e futuro) orquestrado pela Pesquisa Narrativa, considerada na literatura científica como método e fenômeno ideal para compreensão das experiências (Clandinin; Connelly, 2011). Em meus estudos narrativos, tenho me apegado à concepção *larrosiana* de experiência, entendendo-a como aquilo que me faz tremer, que me exige atenção, pausa, afeto, cuidado e que me conduz a ser diferente, me (trans)formando (Larrosa, 2014).

O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (Larrosa, 2014, p. 25-26).

As experiências dos professores em formação com a matemática são registradas em dispositivos que subsidiam o contar de si como um meio de produção de conhecimentos importantes para o exercício crítico-reflexivo da docência, despertando o futuro professor para questões inerentes a autoria, escuta de si e do(s) outro(s) e o registro da própria experiência.

No campo da Educação Matemática, muitos pesquisadores têm defendido que o desenvolvimento profissional docente não se reduz apenas a aquisição de conhecimentos, mas também da ressignificação deles, incluindo suas crenças, representações e experiências adversas com a matemática na Educação Básica (Braga; Carneiro, 2019), o que exige dos professores-formadores, o uso de estratégias que desconstruam os “sentimentos amargos que os estudantes narram em relação ao ensino e à aprendizagem da matemática escolar” (Moura; Nacarato, 2023, p. 14).

O contar de si emerge como dispositivo (auto)biográfico para problematização, reflexão e ressignificação de crenças relacionadas a matemática (Nacarato, 2010). Por isso, é necessário que os espaços formativos sejam também espaços de escuta dos licenciandos, reconstruídos a partir das histórias de vida de quem habita esses lugares – professores-formadores e professores que ensinarão matemática (Silva; Passos, 2019).

Sendo assim, me proponho neste texto (auto)biográfico, contribuir com reflexões e apontamentos da experiência com o diário de educação matemática no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), apresentando o contexto de criação e os afetamentos produzidos em futuros professores polivalentes, corroborando com as pesquisas da área que defendem uma formação mais humana, dialógica e plural.

DIÁRIO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: LAMPEJOS DE UMA EXPERIÊNCIA COM FUTUROS PROFESSORES

A vida só existe se for contada. O mundo é escuro se não houver palavras. Não há vida se não houver registro por escrito. Essas concepções são defendidas nos desacompanhamentos da jornalista Eliane Brum (2017). Nesse texto (auto)biográfico, me aproprio de suas perspectivas, pois de algum modo, se encontram com os meus anseios e aspirações enquanto professor-formador que acredita na ressignificação de crenças relacionadas a matemática a partir do contar de si, mediado por dispositivos de formação e transformação.

O diário de educação matemática consiste em um dispositivo de formação que congrega perguntas norteadoras sobre a matemática *entretempos* (passado, presente e futuro), possibilitando que o futuro professor reúna registros e episódios (auto)biográficos significativos com a matemática que o auxiliem na reflexão de si, promovendo modos *outros* de conceber a docência.

Metodologicamente, o diário de educação matemática se aproxima dos diários de aula apresentados por Zabalza (2004, p. 10), compreendidos como “recursos de reflexão sobre a própria prática profissional e, portanto, instrumento de desenvolvimento e melhoria

da própria pessoa e da prática profissional que exerce”. Como observado, o autor apresenta o diário de aula como dispositivo para professores em atividade profissional. Em meus estudos narrativos, tenho adotado o diário com professores em formação inicial, orientando-os no registro *entretempos* a fim de que identifiquem, reflitam, compreendam e socializem suas experiências escolares/acadêmicas em prol da construção de conhecimentos *outros* sobre a docência em matemática.

A experiência com os diários de educação matemática iniciaram nas disciplinas de “A criança e a linguagem matemática” e “Conteúdo e Metodologia do ensino de matemática” do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em meados de 2021, quando o país enfrentava a crise sanitária da Covid-19, período em que os processos formativos foram virtualizados por meio do ensino remoto emergencial (ERE).

O planejamento do diário de educação matemática como ferramenta formativa e avaliativa das disciplinas supracitadas coadunou ao meu processo em andamento de formação doutoral, cuja essência metodológica reside na Pesquisa Narrativa e na escrita de si como meio de (re)composição de novas experiências. Nesse contexto, o diário teve seu delineamento a medida em que fui me apropriando de leituras, reflexões e conhecimentos sobre autoria, escutatória, narrativas de si, dentre outros conceitos que ainda se apresentam e atravessam meu percurso de construção de tese e produto educacional.

As perguntas norteadoras que compõem o diário podem ser apresentadas aula a aula aos discentes ou agrupadas por temáticas *entretempos*, ou seja, questões que orientem uma escrita (auto)biográfica retrospectiva e prospectiva, assim como introspectiva e extrospectiva (Clandinin; Connelly, 2011). Por se tratar de um diário que aborda a experiência com a matemática, essas perguntas servem de base para o resgate de memórias e subsidiam a escrita de si dos professores em formação.

De posse do diário construído, os futuros docentes apresentam suas narrativas em espaços coletivos de escutatória, visto que “tão importante quanto a capacidade de oralizar a vida e o tempo, é a arte de ouvir” (Conceição; Ribeiro, 2022, p. 182). Os ateliês de escuta são aulas planejadas para o (com)partilhamento das narrativas (auto)biográficas registradas nos diários, ao ponto em que cada discente deve contribuir com a leitura de seus registros, de forma autônoma, resguardando-se ao direito de ler o conteúdo na íntegra, fragmentado ou ainda contar acerca do que escreveu sobre si. O importante desse momento é que todos se sintam acolhidos, respeitados (Conceição; Ribeiro, 2022) e que as narrativas sirvam de pretexto para a ampliação de conhecimentos *outros* acerca da docência em matemática.

Nos últimos meses, tenho olhado para os diários com lentes de análise e avaliação, especialmente por se tratar de um dispositivo de formação que tem assumido o caráter de produto educacional no processo de doutoramento profissional em andamento. Assim, tanto nas experiências anteriores à pesquisa, quanto às posteriores junto aos participantes do estudo, o diário de educação matemática tem se mostrado efetivo para o resgate de experiências do passado, perpassando pelo olhar crítico-reflexivo no presente e ainda fomentando o diálogo para além do vivido, mas projetado, desejado e ambicionado por esses participantes, mirando o futuro como a possibilidade de gerenciar modos *outros* de docência, particularmente com relação ao conteúdo matemático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os diários produzidos pelos estudantes têm revelado duas formas de pensar a disciplina na Educação Básica - a *má-temática*, temida e experienciada com violência, opressão e atividades de cunho mnemônico. E as *matemáticas*, no plural, representando as infinitas possibilidades de trabalho pedagógico com os números, medidas, formas e demais conteúdos.

“Como se produz uma escrita acadêmica? Com que corpo? Com que sangue? Com que vísceras?”, nos questionam Sônia Clareto e Ana Lygia Veiga (2016, p. 32), corroborando a concepção de que a escrita acadêmica pode ser emergente do sujeito que escreve e se *in-escreve* como sujeito autor-ator da própria história. Com o diário, tenho visto essa escrita autoral “gritar mais alto” entre os estudantes, desvelando um senso de autoria, pouco visto nos cursos de formação inicial.

Como diria Manoel de Barros: “Esconder-se por trás das palavras para mostrar-se” (Barros, 2019, p. 21) é um dos objetivos do contar de si, e isso tem me motivado a acompanhar mais de perto esse movimento formativo a fim de tecer novas contribuições a partir do estudo de doutorado em andamento.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Matéria de Poesia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BRAGA, Jane Maria.; CARNEIRO, Reginaldo Fernando. O que dizem as narrativas de estudantes de pedagogia sobre sua formação matemática? **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 4, n. 10, p. 230-249, 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5727>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BRUM, Eliane. **Meus desacontentamentos**: A história da minha vida com as palavras. 2 ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLARETO, Sônia Maria.; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia. In: CALLAI, Cristiana.; RIBETTO, Anelice. (Orgs.). **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 31-47.

CONCEIÇÃO, Deise Guilhermina da.; RIBEIRO, Silene Orlando. Escutatória. In: REIS, Graça.; OLIVEIRA, Inês Barbosa de.; BARONI, Patrícia. (Orgs.). **Dicionário de Pesquisa Narrativa**. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022. p. 179-188.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MOURA, Jónata Ferreira de.; NACARATO, Adair Mendes. Narrativas de licenciandos em Pedagogia sobre a matemática escolar e o desafio do formador. **Educação em Revista**, [S.l.] v. 39, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/4zxfKjXnc3qRzdTFR3wZp3z/?lang=en#>. Acesso em: 02 dez. 2023.

NACARATO, Adair Mendes. A Formação matemática das professoras das séries iniciais: a escrita de si como prática de formação. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 23, nº 37, p. 905-930, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/4298>. Acesso em: 04 nov. 2023.

NEGRÃO, Felipe da Costa. Experiências de escrita (auto)biográfica na formação inicial de professores. In: SIMPÓSIO EM ENSINO TECNOLÓGICO NO AMAZONAS, 8., 2022. Manaus. **Anais [...]**. Manaus: IFAM, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1dz2pDYXIffk5hotqC_ljxUCpH6kmRlgu/view. Acesso em: 21 mai. 2023.

SILVA, Américo Junior Nunes da.; PASSOS, Cármem Lúcia Brancaglioni. Conhecendo mais sobre a Ludicidade, Formação de Professores e Ensino de Matemática no curso de Pedagogia da UFSCAR. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, v. 4, n. 10, p. 264-282, 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5807>. Acesso em: 24 abr. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: Estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A Editora; Salvador: UNEB, 2006.

TELLES, Tenório. **Renovação**. Manaus: Editora Valer, 2013.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de Aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CAPÍTULO 2

QUERIDO DIÁRIO: A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA DE UMA PROFESSORA QUE ENSINARÁ MATEMÁTICA

Luana Alfaia da Costa

PRIMEIRAS PALAVRAS...

Vou começar dizendo que ninguém nasce professor(a), acredito que até se pode nascer com vocação para tal, mas até que chegue o dia da colação de grau e você receba o diploma atestando que você pode efetivamente exercer a função é um longo caminho a ser percorrido, e não estou me referindo apenas aos anos de formação universitária, até porque, pensando bem, acredito que minha formação para ser professora começou quando eu ainda era aluna do Ensino Médio. A quem estiver lendo, isso pode até parecer confuso ou mesmo engraçado, mas ao longo desses escritos, poderei me explicar.

Meu sonho não era cursar Licenciatura em Pedagogia, na verdade, foi como se eu tivesse pegado um paraquedas, calculei descer no Direito, mas uma ventania inesperada me levou para a Pedagogia e antes disso, eu ainda fiz um pouso de emergência em Letras – Língua Portuguesa. O interessante na minha trajetória é que quando eu pensava no Direito, eu não me via como advogada, pelo contrário, eu sempre me imaginei em sala de aula, dando aula.

Já na Pedagogia, os primeiros anos de graduação são em grande parte sobre as teorias, porém, professor(a) não vive somente de teoria, pelo contrário, a prática estará sempre presente, e quando chega a nossa vez de assumir as atividades práticas, começamos a pensar as melhores maneiras de ensinar nossos futuros alunos e junto disso, muitas vezes vem o medo e a ansiedade, ainda mais quando se trata de ensinar a famigerada Matemática.

Ao longo da disciplina “A criança e a linguagem Matemática”, o professor Felipe pediu como uma das atividades avaliativas a escrita de um Diário e dentre as perguntas que desenvolviam a atividade estava a escrita de uma carta para si mesmo – do nosso eu de “hoje” para o nosso eu do “futuro”, atuante e enfrentado os desafios impostos pela profissão, abaixo está a carta (auto)biográfica.

Querida Luana,

Eu tenho muitas novidades, na verdade, temos muito a conversar. Vejo que têm passado por dias puxados, as disciplinas na faculdade parecem não ter mais fim. O sexto período já é um pouco mais da metade do curso e a cobrança que você faz a si mesma é grande, mas vou dizer, respira, tudo isso vai passar e quando menos esperar você estará formada e com uma sala cheia de crianças e novos desafios estarão à sua frente.

Lembra do ensino médio? Quando as atividades de Matemática pareciam não ter fim e em época de prova as noites anteriores às provas eram perdidas, pois você se reunia com suas amigas para ajudarem-se, aquela agonia toda passou, não é mesmo? Porém, Luana, o ser humano tem memória e algumas coisas ficam guardadas em “gavetas” e por algum motivo, pessoas nos fazem abrir essas “gavetas” e relembramos algumas coisas.

Eu sei que apesar das dificuldades passadas com a disciplina de Matemática, você não tinha tantos bloqueios, porém, mais uma vez você se surpreendeu com a tal da Matemática, pois quando começou a cursar a disciplina, se deu conta de que estava aprendendo não somente

para realizar alguma prova e passar de semestre, pelo contrário, o aprendizado será aplicado para seus alunos e isso faz gelar um pouquinho o coração.

Eu poderia dizer mais, porém, Luana, há algumas coisas que precisamos vivenciar para aprender e também para superar, então, esse medo que você está sentindo ao lembrar que você terá que ensinar Matemática aos seus alunos, na prática, será superado, pois agora você está tendo uma experiência totalmente diferente das anteriores quando se trata de Matemática, só posso dizer uma coisinha, aproveita para aprender e vai deixando o medo de lado.

MEMÓRIAS: UM COMBUSTÍVEL PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Eu nunca tinha parado para pensar em como nossas memórias são importantes para a formação docente, até que precisei fazer uma análise das minhas próprias memórias e pensando bem, acredito que o ato de relembrar nossos tempos como aluno(a), é fundamental para entender nosso próprio caminho e em como isso pode nos ajudar a sermos melhores professores.

Minhas memórias com a disciplina de Matemática não são “traumatizantes”, com certeza tive momentos de maior dificuldade, entretanto, na maior parte da minha formação escolar tive um bom relacionamento com a disciplina, entretanto, sabemos que nem todos tem esse bom relacionamento e muitas vezes isso acaba gerando “traumas” que podem refletir em nossa atuação como professores.

Sendo assim, apresento a vocês a minha trajetória com a Matemática e gosto de pensar que como futura professora, eu tenho o dever de apresentá-la aos meus futuros alunos como algo que não precisa ser temido, pelo contrário, é algo natural de nossa vivência diária e que não precisa ser temida.

Querido Diário,

Hoje começará uma jornada um pouco diferente, começarei me apresentando a você, me chamo Luana Alfaia da Costa, tenho 24 anos e estou cursando o sexto período do curso de Licenciatura em Pedagogia. No geral, as meninas escrevem em seus diários confidências das mais diversas, dessa vez, no entanto, quero fazer um diário diferente, quero confidenciar a minha vivência com a Matemática, voltando aos tempos de quando eu era criança.

Sem mais delongas, vou começar dizendo que quando criança eu não tinha medo da Matemática, pelo contrário, eu gostava bastante, não vou negar, passei a temê-la em determinado momento, mas foi quando ingressei no Ensino Médio e isso será conversa para outra hora.

Minha vida escolar começou aos três anos de idade e apesar de minhas memórias nessa fase não serem tão vívidas, farei um esforço para relembrar alguns momentos; dessa fase lembro que os tempos que mais ocupavam a grade de aulas semanais eram os destinados às aulas de Português e Matemática. Quando criança, minha mãe trabalhava de forma autônoma, em casa, com um café da manhã, então eu tinha o privilégio de ter a companhia dela para me ajudar nos meus estudos, assim, eu me sentia ainda mais segura na resolução dos meus exercícios, logo, medo e inseguranças passavam longe de serem meus sentimentos, por entender as aulas e resolver os exercícios escolares eu me sentia alegre e satisfeita.

Acredito que a maior lembrança desse período, eram os exercícios escolares passados como atividade para casa no chamado “Caderno do Futuro”, todos os dias eu tinha que fazer algumas

páginas de exercícios matemáticos, em grande parte eu conseguia resolver sozinha e quando sentia alguma dificuldade no entendimento do enunciado de alguma questão ou mesmo na resolução do problema proposto, eu recorria à ajuda de minha mãe e ela prontamente me auxiliava na resolução do exercício.

Em minhas memórias, a maior dificuldade enfrentada nos Anos Iniciais, não tratou do âmbito escolar propriamente dito, na verdade a dificuldade chegou quando minha mãe apresentou-me a famosa tabuada, lembro-me de um dia chegar da escola, almoçar e fazer um rápido descanso, ao acordar, ela veio conversar comigo e em suas mãos, segurava algo que parecia um caderno; ela me explicou a importância de saber a tabuada e que isso seria importante tanto para a escola como também para a vida, como por exemplo, quando eu precisasse conferir o troco no supermercado, nessa época eu tinha por volta de seis/sete anos de idade.

Estudar a tabuada, logo de início, foi o que eu considerava um “tormento”, todos os dias depois de descansar após o almoço, eu precisava estudá-la por meia hora, pensando bem, hoje, meia hora não parece nada, mas naquele momento parecia não ter fim e como forma de tentar fazer esse tempo passar mais rápido eu sentia uma sede absurda e a cada cinco minutos eu me levantava e ia até o bebedouro tomar água, com toda certeza, minha mãe percebia a malandragem e depois de um certo tempo passei a receber pequenos castigos quando ela me perguntava a tabuada e eu respondia errado, finalizando o primeiro dia, encerro dizendo que deixei de manhã e aprendi a tabuada, com isso os castigos também chegaram ao fim.

RESSIGNIFICANDO A MATEMÁTICA E A DOCÊNCIA

Quando optei pela Pedagogia, nunca parei para pensar que eu seria professora de matemática, mas durante pandemia da Covid-19, decidi que eu iria aproveitar o período remoto para adiantar algumas disciplinas no contraturno, e entre elas, apareceu a disciplina de Conteúdo e Metodologia do Ensino da Matemática. Confesso que o medo bateu, pois, finalmente parei para pensar que eu terei que ensinar matemática para as crianças e a matemática por si só já assusta grande parte dos alunos, então, imaginem o medo de saber que eu teria que aprender como ensiná-la para crianças.

O período começou e o professor Felipe era o docente responsável pela disciplina, aos poucos, a matemática nos foi sendo apresentada de uma forma diferente, dinâmica, presente em nosso dia a dia, sem todo aquele mistério. O medo foi dando lugar ao entusiasmo e uma das formas avaliativas da disciplina era a escrita de um Diário cujas perguntas eram lançadas de acordo com os temas abordados em aula e que deveriam fazer referência à minha vivência com a Matemática. Novamente, o medo bateu, pois eu não queria escrever sobre minha vida, ainda mais com o bônus de ter que ler para os demais colegas, porém, a vida acadêmica vem acompanhada da necessidade de ter notas para passar nas disciplinas e tive que aceitar o desafio.

O semestre finalizou e junto com ele a disciplina também foi finalizada, para a minha surpresa, escrever o Diário de Matemática não foi tão difícil, porém, a grade curricular também tinha mais uma disciplina de Matemática, e quando matriculei, novamente a

disciplina seria com o professor Felipe, então, pensei, acho que dessa vez a avaliação não será escrever um Diário, ledô engano, dentre as avaliações, lá estava o bendito Diário.

Dessa vez, no entanto, as aulas não eram mais remotas, as aulas agora eram presenciais e mais uma vez o medo bateu, ler o Diário para a turma presencialmente seria mais desafiador que ler via *Google Meet*, porém, como eu já tinha tido a experiência anteriormente, o desenvolvimento do Diário já foi mais fácil que na primeira vez e para a minha surpresa, percebi que a minha relação com a matemática já não é mais de medo, pelo contrário, me desafiou a escrever e ler para minha turma, ressignificou o meu olhar como discente e conseqüentemente, também mudou a minha visão como futura professora, assim, quero compartilhar com vocês a última pergunta da escrita do meu Diário de Educação Matemática.

Querido Diário,

Pela segunda vez fui desafiada a descrever memórias e sentimentos no que diz respeito a minha aprendizagem matemática, dessa vez, diferente da primeira, não foi tão difícil assim, na verdade, expor-me dessa forma tem um certo grau de dificuldade, pois sou uma pessoa que prefere guardar sentimentos e pensamentos, mas quando a atividade vale nota, a gente acaba pensando com mais carinho, brincadeiras à parte, gostei da experiência, a maior dificuldade mesmo é ler para a minha turma de faculdade.

Acho incrível que enquanto eu escrevia este diário, os pensamentos voavam longe e fazer uma análise no tipo de professora que eu serei, é inevitável, muitas vezes me peguei pensando que eu não quero ser a professora temida pelos alunos ou a professora que faz provas difíceis, pelo contrário, ao escrever, me pego pensando no quanto a matemática pode ser ensinada de formas divertidas e dinâmicas.

Acredito que fui uma pessoa sortuda, não somente eu, como todas as pessoas que foram alunos do professor Felipe Negrão, eu sei, esse é o momento em que a turma pode pensar, "caramba, tá puxando o saco", mas gosto de acreditar que o sentimento que tenho, também se estende aos demais colegas de turma, imagino a quantidade de pessoas que sentiram medo ao saber que teriam que cursar a disciplina de Matemática na faculdade e o medo aumentou ainda mais quando se deram conta de que desta vez, estávamos aprendendo como ensinaremos nossos futuros alunos.

Sendo assim, quero deixar registrado nas páginas deste diário, a imensa gratidão que sinto pelo professor incrível que se mostrou ao longo do semestre, ensinando-nos que é possível aprender e ensinar a tão temida Matemática sem gerar traumas, sendo sempre lúdico e dinâmico, mostrando-se sempre sensível aos alunos, isso também entrou como aprendizado de como quero ser como futura professora, além disso, quero registrar meus agradecimentos à turma 3, que apesar de não ser minha turma acolheu a mim e às minhas colegas.

Querido diário, acho que chegamos ao fim, o sentimento é de gratidão e de imensa alegria, espero um dia, mais lá na frente, ir fazer uma limpeza no meu e-mail e encontrá-lo para reviver esse período da minha vida. Agradeço os desafios desse semestre e todos os momentos vividos, sempre terei em minhas memórias as dinâmicas desenvolvidas em sala de aula, tanto para fazer com meus alunos ou mesmo para rir lembrando do dia que a Nicole quase voou tentando chegar em primeiro lugar na dinâmica da casa do coelho.

Para finalizar, quero dizer que não me arrependo de ter escolhido a Pedagogia, ser professor(a) não é fácil, mas de alguma forma, é satisfatório saber que em cada aluno que passará por mim, deixarei um pouco de mim, assim como cada um deixará um pouco de si em mim, assim como tem sido na minha formação, cada professor tem deixado uma lição, um aprendizado, me fazendo enxergar a docência como algo desafiador e ao mesmo tempo recompensador.

Além disso, é sempre bom lembrar que ser professor(a) não é saber tudo, ter todas as respostas, pelo contrário, é aprender diariamente e além da formação necessária para ministrar aulas, ser professor(a) é também saber ser humano com os alunos, assim tem sido minha graduação, aprendendo os conteúdos com as disciplinas e aprendendo com meus professores sobre lidar com os desafios exigidos pela profissão, e posso dizer, alguns professores nos marcam e sempre permanecerão em nossa memória e também no nosso modo de agir.

CAPÍTULO 3

MATEMÁTICA EM AÇÃO: PERCEBENDO O MUNDO DOS NÚMEROS ATRAVÉS DO CONTAR DE SI

Mayane Serrão da Silva

NO MEIO DO CAMINHO NÃO ENCONTREI PEDRAS...

Pensar sobre a própria trajetória infantil ou de vida em geral pode ser algo tortuoso para a maioria das pessoas, principalmente quando não dispõe de boas lembranças do percurso escolar, sobretudo no que diz respeito ao aprendizado do conteúdo de matemática. Mas, pode ser que alguém, em algum lugar tenha revivido bons momentos ao trazer à memória esses acontecimentos. Alguém com sorte de ter sido encontrada por mediadores de conhecimento empenhados em garantir o acesso à educação aos alunos.

Refletir sobre isso, esclarece como a matemática sempre esteve presente em minha vida de forma bem explícita, mesmo que na infância não tivesse noção disso. Ter uma boa relação com a disciplina, resultou em boas notas e um bom desempenho em toda a educação básica. Imagino que grande parte disso se deva ao contato com essa área do conhecimento em vários ambientes, além da sala de aula, como é o caso da interação com jogos e brincadeiras infantis.

Nem sempre é fácil lembrar os fatos ocorridos em minha vida, mas o movimento investigativo de procurar fontes e registros me permitiu visualizar quem fui, de onde vim e à medida que avanço nas reflexões, posso traçar o perfil para o qual devo correr, especialmente sobre minha formação profissional, na eterna construção de sentir-se professora.

Criança com C maiúsculo

A infância típica que tive, envolveu muitas brincadeiras e uso do corpo para as mais diversas atividades, como subir e pular de escadas, janelas, muros e árvores, que, por vezes, me rendeu o título de uma criança “arteira”. A fase pré-operacional, segundo Piaget, compreendida pela faixa etária de 2 a 7 anos, apresenta a criança como um indivíduo cheio de energia, que gosta de correr, que tem um grau de concentração baixo, faz muitas perguntas e generalizações absurdas, entre outras características.

Ao falar sobre esta denominação, Lorenzato (2006, p. 3) explica que “o termo pré-operacional significa ação, representação, que são constituintes do pensamento lógico; e o termo pré-operacional significa um período de preparação para tal pensamento, portanto ainda pré-lógico”. E é para este período que devo regressar nessa seção a fim de relembrar a fase correspondente a Educação Infantil e aos Anos Iniciais.

Nostálgico é reviver a rotina de acordar cedo ao som da rádio Difusora; ir à escola; os desenhos na TV, no almoço; depois a soneca da tarde; o momento para tarefas domésticas e após isso era permitido brincar por uma hora na frente de casa; para então jantar e dormir.

Esse era o ciclo diário, e quando havia momentos livres, inventava alguma outra brincadeira. Aos domingos ainda frequentava a igreja, o que delimitava o início de uma nova semana.

No exercício de voltar ao passado, pude perceber a matemática em diversos momentos da rotina naquela época, assim como hoje, em que ela continua em tudo à minha volta. As crianças, em nossa época, chegam em sala carregando vários saberes e percepções do mundo que as cercam, mesmo não tendo noção sobre isso. Um grande desvelamento que tive é este, que crianças pequenas estão inseridas em um mundo de números. Elas os veem, mas não os enxergam. Como fazê-las enxergar?

Então, ao buscar em Ausubel, entendi que aprendizagem pode ser satisfatoriamente influenciada por aquilo que o aluno já sabe, em se falando na sala de aula, na escola. O professor é o investigador que deve encontrar qual a carga que seus alunos trazem consigo, para então planejar o quê e como ensinar os novos conhecimentos (Moreira, 1999).

Apesar das diversas infâncias que existiram e existem, ao retroceder aos anos 2000, visualizei diversos exemplos diários que poderiam ser usados como âncoras para os novos conhecimentos. Gosto de lembrar que meu pai tinha o costume de chamar-nos carinhosamente de princesas e príncipes, sendo eu a número 2. O próprio fato de esperarmos os melhores momentos na rotina diária, mesmo sem saber verificar as horas no relógio, demonstrava a noção de tempo sendo criada em nossa consciência.

Ter irmãos pode ser um fator que facilita a construção do conhecimento matemático, já que tudo tem que ser dividido. Lembro que meu avô trazia um fardo de salgadinhos ou várias cartelas de iogurte, os quais não podíamos comer de uma vez, mas apenas no momento certo em que nossa mãe deixava, um para cada. Ou quando meu pai, que trabalhava para uma empresa de biscoitos, nos dava um pacote de bolacha recheada, então dividíamos igualmente as unidades, antes mesmo de saber escrever os algarismos numéricos que os representavam.

As brincadeiras infantis carregavam traços matemáticos, seja no nome ou na execução do jogo, como é o caso da famosa amarelinha, mas também tínhamos pula-corda; 1, 2, 3 stop; 7 pecados ou aqueles jogos imaginativos de mercado, que adorávamos fazer, comprando objetos de casa com pedaços de papel, eram algumas brincadeiras que recheavam minhas tardes, trabalhando não apenas a noção de número, ordem ou quantidade, mas lateralidade, coordenação motora e tantas outras habilidades importantes para o desenvolvimento infantil.

Talvez haja muitas outras ocasiões que possam ser lembradas, mas essas foram as que minha memória foi capaz de reconstruir. Assim, podemos fazer o exercício de imaginar como o dia a dia de nossos alunos é repleto de relações matemáticas, elementos e circunstâncias que para eles são muitos notáveis e afetivos, dessa forma, podem ser tidos como ponto de partida para o ensino, já que a “[...] aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo [...]” (Moreira, 1999, p. 153).

Por isso, também, ao ouvir os relatos dos colegas sobre suas relações com o conteúdo de Matemática na escola nas sessões de Ateliê, percebi a falta de significado, afeto, conexão com o conhecimento, e muitas vezes com próprio professor, me levando a pensar como a escola privilegia um grupo limitado de habilidades ou inteligências, deixando indivíduos com grandes potenciais, à margem dos “melhores alunos”.

Esse lado da escolarização devemos superar, o qual nos ensina a usar a mesma vara de medir do sistema para qualquer aluno. Isso faz com que aqueles que “não alcançam as expectativas” subestimem suas capacidades e se rebaixem às categorias criadas. Internalizando a ideia de mensuração de valores humanos, nós mesmos somos capazes de reproduzir a categorização determinada como verdade (Illich, 1979).

Nesse contexto, a forma de satisfação de alguns é alcançar as melhores notas, os outros são taxados, levam consigo o fardo do fracasso e o desgosto por disciplinas específicas ou a escola em geral. Essa instituição, por vezes, confunde valores, divide pessoas e obriga a rotularmos nós mesmos sobre a lógica de que o currículo escolar definirá quem somos e o que podemos fazer.

O contato com a teoria das múltiplas inteligências, de Howard Gardner, me fez entender que o sistema no qual cresci prejudica o desenvolvimento de muitos, quando privilegia apenas um tipo de inteligência. Nossas escolas estão cheias de crianças, uma diversidade em vários aspectos. Smole (2003), traz várias estratégias práticas de como podemos usar as diversas inteligências com a matemática no dia a dia escolar, além de discorrer sobre cada uma delas.

Algo interessante de se perceber é a relação humana com a música e como ela pode contribuir significativamente para a construção social do indivíduo, além do desenvolvimento infantil. Não é difícil de se imaginar como a inteligência musical possa se relacionar com a matemática. Cópias exacerbadas de letras e números, que ainda são reproduzidas e aplicadas, não representam o trabalho ideal para ser desenvolvido com essa faixa etária, mas

atividades com palmas e outros objetos sonoros, parlendas numéricas e cantigas podem permitir simultaneamente o desenvolvimento da musicalidade através do ritmo, harmonia e melodia ao mesmo tempo em que permitem que sejam abordadas as noções de tempo, números, padrões e percepção espacial (Smole, 2003, p. 148).

Retrocedendo no tempo, lembro de acompanhar meu pai nas atividades da igreja, cercadas de música. Por interesse próprio, recebi por um ano, aulas de piano. Então tive a oportunidade de estudar sobre tempo, ritmos, tons, os quais requerem conhecimento matemático. Em anos posteriores, tive contato com outros instrumentos, e apesar de nunca ter tido habilidade manual com eles, o conhecimento musical tem um espaço especial em minha vida.

Antes mesmo de ter contato com a Pedagogia, já levava música para as salas da igreja e dos trabalhos voluntários de qual fiz parte. Acredito que a maioria das crianças que frequentam a igreja ou outro projeto social também têm a oportunidade de estar perto de instrumentos musicais. No ensino médio, éramos constantemente incentivados a aflorar nosso lado artístico e assim compusemos músicas e paródias na escola.

Depois de ter ingressado no Ensino Superior, também tive a oportunidade de estagiar em uma escola na qual a musicalidade era bastante incentivada, não apenas nas músicas em sala de aula, mas de forma direta com momentos específicos na semana para a aula de música. Quando fui para a sala de referência, pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), tentei criar uma rotina musical, ensinando músicas novas para as crianças, e elas foram bastante participativas e interessadas nesses momentos, a maioria das crianças são, na verdade.

Tiro ao alvo

Discorrer sobre tudo isso, me (e)leva a estruturar o perfil de professora que quero ser, levando em consideração que a Educação Matemática presente em meus dias de escola e ainda hoje, é diferente daquela que conhecemos na literatura, em nossa formação. Voltar ao passado, analisar a nós mesmos, idealizar nossas ações e escrever sobre isso é um desafio na medida em que agita uma série de lembranças e sentimentos adormecidos.

Mas esse exercício também proporciona autorreflexão e autoformação enquanto sujeitos e futuros profissionais, o que deveria ser um exercício contínuo na vida de cada professor. Pois essa etapa, a Educação Infantil, é tão importante e decisiva para o restante da educação básica que nos faz pensar em quanto é crucial o trabalho docente.

São incontáveis os desafios que se apresentam no ensino básico e influenciam esse trabalho, mas a esperança de garantir o direito à educação e cuidado é o motor que me

mantém firme no movimento contínuo de formação, buscando nas teorias, praticar ações significativas, e em nós mesmos uma postura humana, transformadora para o desenvolvimento pessoal e das crianças.

REFERÊNCIAS

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 5. ed. Petrópolis. RJ: Vozes. 1979.

LORENZATO, Sergio. **Educação Infantil e percepção matemática**. Campinas, São Paulo: Ed. Associados, 2006.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1999.

SMOLE, Kátia Stocco. **A Matemática na Educação Infantil**: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

CAPÍTULO 4

MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS COM A MATEMÁTICA: UM INVENTÁRIO DE SI NA CONDIÇÃO DE PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Rosiane da Silva Barbosa

PRIMEIRAS PALAVRAS...

Foram dois longos anos longe da turma, longe dos amigos, longe das dificuldades presenciais e principalmente do acolhimento, convergindo em momentos difíceis e também de distanciamento, tanto fisicamente quanto psicologicamente, um momento no qual tivemos que nos readaptar quanto a forma de se relacionar consigo e com o outro. Mas, felizmente retornamos para o ensino presencial e quando retornamos tivemos que nos readaptar novamente a vida acadêmica.

Para a retomada presencial tivemos como uma das disciplinas “A criança e a Linguagem Matemática”. Ressalto que a Matemática é considerada uma matéria de difícil aprendizado, que causa medo, estresse e principalmente desinteresse, logo, se constituiu como um grande desafio para o formador e o formando. Foi um longo e difícil período, mas satisfatório, sobretudo por estarmos novamente na presencialidade.

Para mim, as boas experiências e recordações podem dizer que a disciplina foi a todo o momento pensada, planejada e definitivamente realizável. Pois foram momentos únicos de interesse grupais, além disso, proporcionou aproximação e uma nova significação pós-pandemia.

Felizmente tenho boas memórias em relação à Matemática e em especial em ser de fato aluna, nutrir em mim a feição pela disciplina se deu necessariamente pelos meus pais que sempre foram presentes na minha trajetória escolar e pelos professores nos quais tive a oportunidade e a felicitação de estar sempre em meio a docentes tão bons, competentes e profissionais da rede pública.

Claramente esse não será um texto de como eu acreditava que a Matemática era um problema, mas certamente de como o processo formativo produz sentidos e significados singulares, impulsionando a superação e enfrentamento de desafios que auxiliam na constituição do nosso professorar.

DESAFIOS EM RELAÇÃO À DOCÊNCIA

Ao escrever o diário, relembro dos bons momentos que tive em relação à trajetória escolar, especialmente, na minha infância, momento no qual dependemos dos nossos responsáveis para serem suporte em possibilitar oportunidades e nos guiar na educação familiar, e minha mãe soube cultivar em mim laços afetivos com a escola, desenvolvendo em mim, talvez, as inteligências interpessoal e intrapessoal de Gardner.

Além disso, ao escrever o diário, consigo descobrir, sobre mim, que ser aluna e estar sempre a disposição de aprender uma teoria ou um conceito tornaram apenas uma parte boa de mim, pois neste momento busco a outra metade que é articular o meu interesse em aprender ao interesse de ensinar. Dessa forma ter a facilidade que tenho com as disciplinas escolares e acadêmicas estando na condição de aluna, juntamente com as mediações familiares e profissionais, demonstra a importância de ter o apoio e acompanhamento para o desenvolvimento pessoal.

Apesar de ensinar e aprender estarem interligados, percebo agora que são eixos diferentes, no sentido de dar para o aluno o seu desenvolvimento das suas habilidades. Para mim que serei, em breve, professora/pedagoga, será, necessário além de interesse pessoal, planejamento, organização, intencionalidade e principalmente atividades voltadas para interações e brincadeiras como expostos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Estando nessa condição aflita escrevo uma carta para tentar superar os medos internos e pessoais, talvez seus também, caro leitor, para que no futuro possamos perceber que a continuação da formação é necessária e para que possamos nos tornar emancipados e consequentemente emancipar outros.

Não há nenhuma fórmula ou segredo, para aprender a ensinar a matemática. Não há receita para nunca errar enquanto discente e enquanto docente. Não há, menos ainda, como afugentar o medo, da atuação em sala de aula. Mas você possui vontade, coragem e apoio, você é honesta com você quanto aos seus medos e anseios, quanto a sua personalidade. Tenha coragem também para não desistir e use essa força para avançar e continuar avançando, para poder lidar com as mudanças da vida, mudanças das equipes profissionais e a mudança em você. Tenha a formação continuada para além de títulos, tenha como meio para aprender e evoluir individualmente e retribuir para a sociedade o que ela lhe possibilitou ter. Faça valer a sua jornada acadêmica de graduação e os desafios enfrentados durante os cinco anos que você passou. Nesse momento, quando estiver lendo esta carta e, talvez cogitando desistir, lembre-se que há muito mais para descobrir, viver e aproveitar enquanto docente e muito mais enquanto discente.¹

É interessante pensar que ensinar e aprender, são eixos diferentes, pois possuem características norteadoras diferentes, apesar disso, estão interligados. É extremamente satisfatório descobrir que a matemática vai além de decorar tabuada, decorar fórmulas e ainda que ela está presente a todo momento e em cada ação realizada na vida cotidiana. É importante descobrir que a minha afinidade com a matemática se dá, talvez não intencionalmente, mas pelo apoio que meus pais me deram desde o início, na participação efetiva da minha mãe nas atividades, o apoio profissional e o carinho dos professores dos quais já tive a oportunidade de estudar e também meu interesse explorado desde então.

¹ Carta (auto)biográfica escrita em atividade avaliativa da disciplina “A criança e a Linguagem Matemática” do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

A matemática faz com que eu possa pensar além de fórmulas e memorização, pois ela vai além, se utilizando de todas as oportunidades e dentro de outras disciplinas, enquanto professora posso explorar toda oportunidade que vir a existir como as experiências pessoais dos meus alunos e os imprevistos que ocorrem no dia a dia dentro da sala de referência. Enquanto aluna tenho um grande apreço pela disciplinas, pois acredito que meus professores sempre fizeram um bom trabalho, e enquanto discente de graduação, futura professora, vejo que há um planejamento para que os alunos tenham apreço pela matemática tanto quanto eu.

A educação básica, pra mim, foi uma experiência incrível, pois adorava estar no meio adolescente e gostava das ideias, os conflitos, as relações e as demais características, e estar na posição de professora me deixa ainda mais contente em um dia poder ministrar uma aula para crianças, para adolescentes e também para professores, ajudando a todos e demonstrando que todas as disciplinas do currículo escolar tendem a ter suas características de fácil acesso e o importante é variar a forma de ensinar, articular e desenvolver na sala de referência/sala de aula.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DO DIÁRIO

A escrita do Diário me remete ao futuro de forma que consiga pensar sobre como os eixos família-aluno-escola são importantes para a construção do ensino e aprendizagem tanto do aluno como do professor. Tenho muito para aprender e escrever esse diário me deixou ainda mais contente em ver que as interações e brincadeiras pautadas na BNCC são realmente importantes para que haja de fato um aprendizado significativo nas crianças. Além disso, gosto de pensar que a matemática proporciona aprendizagens que de certa forma, podem ser mais lúdicas que tantas outras disciplinas.

A escrita ainda me faz perceber o quanto gosto de estar no meio de crianças, adolescentes e adultos, o que explica talvez, também a minha afeição pela Licenciatura em Pedagogia, entendendo que podemos nos desenvolver em aspectos e ter interesses contrários.

Para a escrita do Diário utilizei de um inventário pessoal, cascavilhando episódios que faziam parte da minha memória a fim de que você, leitor, pudesse entender o que estava querendo manifestar quanto as minhas impressões e o meu lado da história sobre a disciplina de matemática, assim como o meu percurso até a chegada na Universidade.

Apesar das dificuldades pessoais, principalmente de ordem financeira, não desistir, ter apoio e a sorte de bons professores fizeram com que eu chegasse a ter boas impressões e memórias para se contar sobre a vida escolar e em especial a matemática, de modo que

quero poder um dia também marcar a vida dos meus alunos, dos seus responsáveis e da equipe profissional.

Espero que tenham gostado, e mais ainda espero que você que é mãe ou pai, tia ou tia, avó ou avó, também façam da leitura uma reflexão para vida, assim como eu enquanto mãe. E você professor e professora, que nossas práticas façam valer a nossa teoria deixando para além de pensar a crítica pela crítica, mas retribuindo na sala de referência o carinho e a oportunidade de fazer a diferença para muitas crianças.

CAPÍTULO 5

A MATEMÁTICA ONTEM E HOJE: REFLEXÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Josiane Lima Cavalcante

EU E A MATEMÁTICA...

Quando pequenos não percebemos o quanto a Matemática pode estar permeando nossa vida, assim foi comigo, buscando lembranças da minha educação básica (Educação Infantil e Anos Iniciais), ela estava ou não tanto, pois as vezes acreditamos que a matemática são apenas os números e as fórmulas, mas ela está em toda parte do nosso cotidiano.

Nesse capítulo pretendo contar como essa disciplina esteve presente na minha infância e depois já adulta, na universidade, onde aprendi que seu ensino e aprendizagem pode ser algo mais encantador do que podia imaginar, com brincadeiras e até pautada na teoria das inteligências múltiplas.

A MATEMÁTICA E A MINHA INFÂNCIA: NA ESCOLA E NO MEU COTIDIANO

Os meus estudos iniciaram numa escola no bairro onde morava, apesar de não me lembrar como era, o que me levou a perguntar da minha mãe, segundo ela, o que fazia lá era rabiscar o papel com lápis de cor.

Para saber sobre meus Anos Iniciais consultei minha irmã, para tentar ter mais detalhes, ela me disse que eu preenchia desenhos com bolinhas de papel crepom, realmente, me lembrei de preencher o desenho de uma árvore com papel crepom verde, rasgava os pedacinhos do papel, enrolava, passava na cola e colava no desenho impresso.

Ainda nos Anos Iniciais, não me recordo qual a série, lembro de ter sido levada para uma sala com muitos jogos, vamos a chamar de “sala dos jogos”, tinha monta-monta, dominó, alguns jogos de madeira com frutas e palavras desenhadas, mas não cheguei a fazer nada com eles, pois tinham poucas unidades e só algumas crianças pegavam, também não entendia qual o propósito, não tinha nenhum professor (a) ou mediador (a).

Ao fim dos meus Anos Iniciais lembrei de quando comecei a estudar as operações, não sei se era adição ou multiplicação, mas tinha muito números, e a professora dizia que tínhamos que colocar um número sob o outro se não a conta não ficava correta. As atividades eram passadas na lousa ou no livro didático, respondíamos as questões ou fazíamos avaliações, a professora corrigia e iniciava tudo novamente.

Mas, fora das paredes da escola a matemática também estava presente no meu dia a dia, ao saber as horas do relógio, ao brincar de mercadinho, lembro-me de quando a mamãe voltava do mercado, eu e minha irmã fazíamos de conta de que uma fazia as compras e a

outra era a caixa do mercado, até fazíamos o ‘barulhinho’ da máquina que calcula o preço - “bip”. Além disso, quando era criança gostava muito de estar na cozinha ajudando a preparar a comida, separando os ingredientes para meus pais ou minha tia.

Quando criança a matemática na escola, em minhas poucas recordações, estava mais voltada para exercícios que eu deveria fazer e entregar para a professora, não que esteja errado, mas ao meu ver acabava se tornando algo mecânico, já no meu cotidiano ela era coadjuvante, mas que poderia me fazer aprender de uma nova forma.

A MATEMÁTICA NA UNIVERSIDADE: NOVAS POSSIBILIDADES DE ENSINAR

A matemática para mim sempre foi algo muito relacionado a números com a escrita, fala e memorização deles, algo difícil, que eu poderia passar um bom tempo tentando entender, mas que ao fim conseguia resolver as questões, mesmo que tivesse que escrever no papel ou pedir ajuda de alguém, algo até que pode me dar nervosismo e receio. Ao ter contato com a Educação Matemática no curso de Pedagogia, aprendi a olhar a disciplina de uma forma desmitificada, bem mais simples, os conteúdos e as atividades não são algo que assustam.

Não tenho muitas lembranças da minha Educação Infantil e dos meus Anos Iniciais, mas tenho certeza de que não foi como o professor apresentou na disciplina “A criança e a Linguagem Matemática” ofertada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Podemos ensinar a Matemática com a criação de materiais ou fazer atividades com recursos simples da sala de referência e até mesmo com alguns que encontramos no ambiente externo da escola. Também com o uso de jogos, por exemplo, o monta-monta, quebra-cabeça, dado etc. A utilização dos brinquedos também pode nos auxiliar, é o caso do carrinho, aviãozinho, bola etc. E até mesmo as brincadeiras, inclusive, da simulação de mercadinho, que nunca tinha presenciado em sala de aula. Ademais, muitas coisas divertidas apresentada na literatura do Lorenzato (2006), que podem deixar o ensino mais significativo.

Além disso, também podemos encontrar uma nova forma de ensinar e aprender a matemática com a teoria das inteligências múltiplas. Possuo duas inteligências predominantes, a inteligência linguística, tenho bastante facilidade em criar ou escrever histórias, um exemplo foi em uma atividade no ensino médio, o professor pediu para que fizéssemos um trio e criássemos um livro, minhas colegas tiveram muita dificuldade em pensar em uma história, então como gostava/gosto muito de ler comecei a criar sozinha, e depois elas

me ajudaram a mudar o que não acharam legal, adicionar mais ideias e revisar, no final ficou muito bom o livro.

Outro exemplo, foi no quarto período, na universidade, a professora fez uma atividade avaliativa que envolvia imagens com algumas características diferentes para serem usadas com as crianças, deveríamos achar imagens que se encaixasse nas características que a autora dizia e criar uma manchete de jornal, poema com rimas e uma história, cada integrante da minha equipe escolheu um, e eu acabei ficando com a história, no começo achei um pouco difícil, criar um conto para uma criança, mas olhei e olhei a imagem até que as ideias fluíram, em menos de duas horas criei um conto de Natal, todo fictício tirado da minha imaginação.

A inteligência musical é a minha inteligência mais predominante, como indicado em um teste proposto na disciplina, com cem por cento, apesar de não cantar bem, vivo cantando, escutando música ou dando palpite naquelas competições musicais, por exemplo, “essa desafinou”, “não chegou no tom da música” etc.

Consigo aprender músicas com facilidade, se as escuto, em uns minutos ou na hora seguinte já aprendo a letra ou o ritmo da música. Pesquisando mais sobre essa inteligência, li que aprendemos mais quando as atividades envolvem músicas, e, realmente, aconteceu quando estava estudando o Enem, tem um professor, no *YouTube*, que ensina português com paródias, o que me ajudou bastante.

A inteligência linguística dialoga com a inteligência lógico-matemática por meio da interpretação dos enunciados, ideia ou raciocínio, dos problemas ou questões matemáticas, ajudando na compreensão. Dialogar oralmente ou escrevendo sobre as resoluções das questões, das atividades que envolvam a matemática, e os procedimentos que utilizaram para interpretá-las, pode ajudar muito na aula, cooperando para que essa duas inteligências caminhem lado à lado.

Também, podemos trabalhar a matemática a partir da literatura infantil, com histórias que envolvam os conceitos, a criança que tem a inteligência linguística mais acentuada absorverá com facilidade, por exemplo, os números ou outro assunto, que esteja presente na história, o que tornará também mais significativo.

Aliar a inteligência lógico-matemática com a inteligência musical para mim foi uma descoberta, uma professora tinha comentado sobre usar parlenda nesse sentido, mas não tinha me atentado tanto, com as aulas aprendi que se ela estiver presente, por exemplo, nas

cantigas, com o ritmo, harmonia e melodia, os alunos poderão aprender melhor a contar números ou outras noções matemáticas, além de ficar mais divertido para as crianças.

Enfim, cada aula que presenciei na disciplina supracitada e a escrita do meu diário de Matemática contribuíram para a constituição de uma nova perspectiva sobre a Matemática, compreendendo que ela não é um bicho de sete cabeças, mas algo que dá vontade de aprender e descobrir mais, e como quero ser professora da Educação Infantil, me fez perceber que há novas possibilidades, mas que não posso me esquecer que é preciso planejamento e estar sempre em formação.

REFERÊNCIA

LORENZATO, Sergio. **Educação Infantil e percepção matemática**. Campinas, São Paulo: Ed. Associados, 2006.

CAPÍTULO 6

TRAMAS E TRAUMAS COM A MATEMÁTICA: UMA IMERSÃO (AUTO)BIOGRÁFICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Suzana Evilly Gomes Atayde

[...] que cada vida afeta a outra, e a outra afeta a seguinte, e que o mundo está cheio de histórias, mas todas as histórias são uma só (Mitch Albom).

O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA INESPERADA...

O ensino tradicional esteve presente na vida escolar de muitas pessoas e até hoje está enraizado em nossa sociedade. Com o passar dos anos, outras concepções de ensino foram surgindo, entretanto poucos acreditaram em sua eficiência e qualidade, preferindo assim, o famoso ensino tradicional. Mas será que esse formato é eficaz para a constituição de uma aprendizagem significativa¹, ou não passa de mais uma utopia?

Se o ensino tradicional já dispõe de complexidades e fragilidades, imagine a composição de aulas de matemática nesse cenário desfavorável à aprendizagem, carregado de estigmas e abusos psicológicos legitimados pelo professor. Eu mesma vivi a “grande” experiência do ensino tradicional em minha vida, obviamente não foi uma experiência agradável e eu não a desejaria nem aos meus piores inimigos.

Assim, convido vocês a fazerem uma viagem (auto)biográfica comigo.

Vamos voltar 14 anos atrás?

UM CONTO DE FADAS QUE SE TORNOU UMA SAGA DE TERROR...

Estamos em 2008. Meu primeiro dia na escola nova com 7 anos de idade. Eu estava cheia de sonhos e entusiasmada para ir à escola e aprender um pouco de matemática e das demais disciplinas.

Minha mãe me acordava cedo todos os dias. Eu ia tomar meu banho enquanto minha querida mãezinha preparava meu café da manhã, em seguida me levava para a escola com um sorriso enorme no rosto. Eu como boa criança sapeca ia saltitando para a escola. Lembro-me que nesse dia eu estava muito ansiosa para chegar, então fui praticamente puxando minha mãe com pressa.

Ao chegar à escola, meu primeiro tempo foi de matemática, lembro-me que coloquei tanta expectativa na disciplina, que quando o professor chegou e começou a ministrar a aula, eu comecei a ficar frustrada, pois o mesmo entrou na sala aos gritos, pedindo caderno, mandando todo mundo se sentar e solicitando a cópia do exercício do quadro, não podíamos falar, beber água ou ir ao banheiro.

¹ De acordo com Moreira (2012, p. 2), “a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos [...] Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva”.

O professor queria apenas saber da lista de exercícios que tinha passado na lousa. Nesse dia eu quase “fiz xixi nas calças”, pois o professor nem deixava eu falar. Ao tomar essa atitude, meu professor estava intimidando o meu desejo e de outras crianças em aprender, cortando as oportunidades que poderíamos ter com alguma discussão sobre quantidade ou noções de espaço. No outro dia, fiquei sem assistir a aula só porque tinha saído da sala para tomar água. É meus amados, quem diria que em pleno século XXI, estaríamos vivendo experiências desagradáveis assim dentro das escolas? Escolas que deveriam ser ambientes de diálogos e trocas e não uma fábrica de robôs..., mas, não paramos por aqui não!

Assim, voltei para casa muito triste e possivelmente com uma infecção urinária, e no dia seguinte, meus pais foram chamados na direção, só pelo o fato do professor não ter deixado entrar novamente na sala, mas como a matemática é uma das disciplinas básicas do currículo, nós tínhamos aulas todos os dias da semana com o professor, e todos os dias se repetia a tal lista de exercício, o visto no caderno e quem não realizava a tarefa ganhava gritos e ainda escutava dizeres que para uma criança não era fácil de escutar.

Como falar na aula não era um opção, o silêncio prevalecia, de modo que o único som que escutávamos era o do pincel no quadro.

Depois com um tempo descobrir que o professor não gostava de mim, por isso tudo se tornava mais difícil, nem mesmo as tentativas de agradar, de ser a aluna nota dez, tudo era em vão e se tornava cansativo. Aos poucos, o brilho dos olhos da garotinha de 7 anos que esperava muito da disciplina foi sumindo e a vontade de aprender matemática também.

Toda aula eram as mesmas coisas, nada de inovador, sempre as mesmas listas, o mesmo decoreba, as mesmas continhas, nenhuma brincadeira, afinal eu era apenas uma criança, e como qualquer outra criança, só queria brincar, mas não víamos nem mesmo força de vontade do professor em ensinar algo com outras metodologias.

Talvez, tenha sido nesse momento que comecei a desenvolver a matemafobia...

Ao longo dos anos, a matemática transformou-se em uma disciplina aterrorizante, um verdadeiro bicho de sete cabeças, principalmente na educação básica. Isso ocorreu por consequência dos estudiosos da área abordá-la como uma ciência exata, abstrata e distante da realidade. Esse fato engendrou e modelou entre os alunos um sentimento de aversão, medo e até mesmo ódio à disciplina, ou seja, a matemafobia (Santos; Cordeiro, 2009, p. 321- 322).

A matemafobia acarretou em um bloqueio que se expandiu em cada etapa da minha trajetória acadêmica - um bloqueio que só poderia ser quebrado se meus professores adotassem outros métodos, mais lúdicos e que quebrassem o tabu de que a disciplina não pode ser dinâmica, viva e significativa.

Foi um ano, sem dúvidas, marcante para todos, principalmente para mim! Coitada, eu mal sabia que seria apenas o começo de uma história que não ia acabar tão cedo, pois duraria até o Ensino Médio.

No ano seguinte, estudei com o mesmo professor e tudo se repetia, as listas de exercícios, as cópias, toda a chatice de livros e os infinitos decorebas. Ficava me perguntando se todos os professores de Matemática adotavam as mesmas práticas educacionais, ou era somente aquele que tinha esse método, pois embora eu me esforçasse, nunca ficava satisfeita com o meu processo de aprendizagem.

Anos foram passando e fui conhecendo outros professores que lecionavam a disciplina da mesma forma, sem nenhum diferencial, sempre com as listas, cópias e competições.

Quando adentrei ao Ensino Médio, pensei que poderia mudar os métodos de ensino, até eu conhecer o meu novo professor de Matemática que além de ser totalmente tradicional com suas listas de exercícios, ele também apresentava problemas com assédio na escola. Os conceitos matemáticos sumiram, a vontade de estudar desapareceu e matemática morreu para mim naquele ano.

A epígrafe deste capítulo retrata uma fala de Albom (2003), e eu gostaria de visitá-la outra vez... O autor nos diz “[...] que cada vida afeta a outra, e a outra afeta a seguinte, e que o mundo está cheio de histórias, mas todas as histórias são uma só”. O que eu quero dizer com isso é que estamos sempre interligados com as pessoas que passaram pelas nossas vidas, bem como às pessoas que passaram na vida delas, podem ter feito as mesmas coisas e elas utilizaram como exemplo, embora isso não justifique as atitudes maliciosas deles, portanto o que nos resta é seguir em frente e fazer o diferencial na vida de outras pessoas – sobretudo, nossos futuros alunos.

PROMETEMOS NÃO CHORAR: O REENCONTRO

O meu maior questionamento no momento é se o meu professor de 2008, estava passando por algum problema emocional ou não tinha conhecimento de outros métodos/práticas de ensino, ou se era a única maneira que ele tinha de ensinar, ou mesmo se ele tinha medo de ensinar de forma diferente. São muitas perguntas para poucas respostas, mas você ficará surpreso com o que vai acontecer ao longo dessa narrativa, o que eu posso dizer até agora é que já não estamos em 2008, voltamos para 2022. E aquela criança/adolescente que sofreu as piores coisas na sua caminhada acadêmica está na Universidade Federal do

Amazonas (UFAM), fazendo graduação em Pedagogia e com olhares diferenciados para o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Paulo Freire (1996), os encargos do professor são muito grandes e nem sempre nos damos conta disso, no entanto, se a criança não está alcançando a aprendizagem desejada que queremos, se faz necessário analisar em primeiro lugar se há algum agente na prática pedagógica reprimindo a construção de conhecimento ou gerando dificuldade. Desse modo, se torna necessário a existência da autoavaliação com o intuito de ampliar os olhares sobre a práxis. Assim, podemos fazer alterações para que a aprendizagem seja significativa, visto que as instituições de ensino deveriam ser um lugar de experiências significativas.

Ao ensinar matemática podemos trabalhar com a ludicidade, já que estamos lidando com assuntos que embora sejam fáceis, têm crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, mas, infelizmente os meus professores não tinham essa mesma concepção. Com a graduação de Pedagogia, tive a oportunidade de passar por diversas instituições privadas que possuem grande nome no ramo da Educação e todas bem tradicionais, com salas bem organizadas, com exercícios de fixação e quanto mais exercícios melhor para o aluno, embora saibamos que esses métodos de ensino reforçam apenas um sistema de premiações.

Mas a questão não é essa no momento. Recentemente fui trabalhar em uma escola como professora e ao entrar na sala de aula fiquei bastante feliz em estar naquela instituição, me sentei numa cadeira do lado da parede. Ao tocar o sino, um professor entrou na sala, olhou para a minha direção e começou a falar de forma alterada, pedindo os cadernos para dar os vistos, falando de conteúdos e brigando com os alunos. De repente o professor falou a seguinte frase: *“olha eu não vou dar nota para gente burra”*. Tais palavras ditas me remeteram a um filme em minha cabeça. É meus amores, a temida e a indesejada voltou! Aqui estou, na frente dele e digamos que agora, de igual para igual.

Aparentemente tudo está igual a 14 anos atrás, nada mudou, a forma de ensinar, as atitudes referentes aos alunos, o silêncio dentro da sala que me gera pânico e vontade de sair correndo. O incrível foi que ele não me reconheceu de imediato, mas eu me apresentei para ele dias depois, e se eu contar para vocês o que aconteceu, vocês não vão acreditar! Ao me apresentar, o professor ficou feliz em me ver e ainda disse que eu era uma aluna esforçada e colocou os créditos de eu estar na graduação no trabalho desenvolvido por ele.

É meus leitores, infelizmente a única coisa que o tal professor contribuiu foi nas minhas crises de ansiedade, reforço que não estou sendo ingrata, pois sei que de alguma forma eles contribuíram para a minha formação, mas também não vou romantizar os

métodos utilizados, visto que de algum modo não foram eficazes para o meu desempenho. Ele continua com os mesmos métodos, e eu ainda procuro as respostas das perguntas que realizei anteriormente, mas a única certeza que tenho e possivelmente seja a resposta das perguntas, é o medo, pois acredito que muitos professores têm medo de arriscar, de sair do comodismo, de abrir a janela e ver que temos muitos recursos e métodos diferenciados para ensinar. O medo de falhar nos impede de realizarmos o novo. Então adotamos práticas, que sentimos segurança para que a gente (professor), seja eficaz naquele momento de prova, mas meses depois não é eficaz para a criança.

SER PROFESSOR É IR ALÉM DO QUE ESTÁ EXPOSTO: OU VOCÊ MUDA, OU TUDO SE REPETE

*Querida, eu do futuro, eu sei que às vezes você sente que o mundo vai se acabar e que as coisas são esmagadoras, mas eu tenho boas notícias para você, tenha fé! Você já está quase lá! Não quero que você esqueça o que você passou para estar aqui hoje e lembre-se que você é capaz de muito mais do que você imagina. Assuma os riscos que você tem medo de tomar e se arrisque sem medo de errar. Para chegar aonde você está já passou por poucas e boas, já escutou palavras que não deveria e já foi muito desmerecida, foi uma caminhada difícil e dolorosa, mas valeu todo o sofrimento, pois isso só te fortaleceu e mostrou o caminho que você quer percorrer em toda a sua caminhada. Espero do fundo do meu coração que esta carta seja a chave de suas recordações e que sirva para você não esquecer o quão maravilhosa e forte você é! Estamos no ano de 2022, você já é uma estagiária brilhante e dedicada, e espero que em breve você já esteja concursada na SEMED ou na SEDUC, e quando isso acontecer, rezo para que você já tenha superado todos os seus medos e traumas, principalmente da **matemafobia** causada por alguns 'nazistas' da Matemática que passaram pela sua vida, foram poucos, mas esses poucos destruíram seus sonhos. E espero que você tenha aprendido que nem sempre você vai conseguir somar sem usar os dedos e que para dividir é necessário que você aprenda a tabuada, pois se não, você sempre vai ter que fazer no papel e ir acrescentando os números aos poucos, mas está tudo bem, isso não significa que você não seja inteligente! Você apenas utiliza outros recursos para mediar as suas contas. Daqui alguns anos, espero que você tenha conseguido realizar algumas somas e subtrações de números altos de cabeça e que você não tenha medo de usar a sua calculadora na frente da turma em que você vai lecionar. O SEU DIPLOMA ESTÁ PERTO DE CHEGAR, então daqui a dois anos você já vai estar dentro de uma sala de aula como a professora regente e eu sei que você será uma professora de milhões, mesmo você tendo medo de estar ensinando Matemática para um monte de criancinhas, mas você aprendeu na sua graduação que ensinar-la pode ser divertido, lúdico e leve, sei que você vai conseguir passar todo o seu conhecimento de forma segura para os seus pimpolhos e que apesar de toda a sua dificuldade com os números, você vai ser reconhecida como uma das melhores professoras, e você vai olhar para trás e ver que todo o sacrifício foi válido e você vai se sentir orgulhosa dos seus choros durante a madrugada. Só quero pedir para você trilhar, pintar, bordar ou construir a sua imagem para o universo, pois ele está ansioso para te ver brilhar e não se esqueça que tem futuro incrível esperando por você lá fora.²*

Suzana Atayde

Por muitos anos, escutei milhares de dizeres que me desmotivaram, muita das vezes até pensei em desistir. Infelizmente até hoje escuto palavras que fazem com que eu descredite em toda a minha jornada, no entanto sempre tive pessoas ao meu lado que me motivaram nesta caminhada, pessoas que posso contar nos meus dedos e que até hoje estão

² Carta (auto)biográfica escrita em atividade avaliativa da disciplina "A criança e a Linguagem Matemática" do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

ao meu lado sempre que preciso. E ao escrever está carta para o meu eu do futuro, trago em meu coração um misto de emoções e um *flash* de recordações, das quais nem todas são agradáveis, no então escolho somente lembrar e levar para o meu coração os momentos feliz e memoráveis em que vivi durante a minha vida acadêmica.

Ao adentrar em uma graduação em Pedagogia, aprendemos como devemos ensinar, aprendemos alguns recursos, didáticas, maneiras de ensinar um conteúdo de diversas formas. Escutamos muito em formação a frase “Na teoria é fácil, na prática é diferente”. E é claro que na prática tudo é mais difícil, a realidade da sala de aula é outra, estamos com crianças que possuem sonhos, desejos de aprender e descobrir o mundo, crianças que possuem medos, traumas, dificuldades e com toda a certeza vai ser diferente!

Ser professor é olhar para cada uma de suas crianças e enxergar o potencial em cada um, sem desvalorizar nenhum de seus aspectos. Cada criança em sua particularidade vai ter uma história de matemática para contar, um conhecimento prévio de medidas, de espaços, números, nunca devemos silenciá-los. Cada criança tem sua maneira de aprender e o seu tempo, ou seja, como professores devemos sempre estar à frente delas para mostrar a segurança de errar.

Muitos dos professores de matemática das turmas do ensino fundamental nos anos iniciais, possuem a graduação de Pedagogia e possuem insegurança de assumir um papel importante na vida de seus alunos, insegurança que os impedem de construir uma grande história profissional, pois adotam métodos tradicionais por considerar a única maneira eficaz de ensiná-los.

Na maioria das minhas reflexões, sempre expressei a insatisfação em saber que eu poderia ter aprendido muito mais se os professores que estavam presentes em minha vida, adotassem os métodos que foram apresentados em suas trajetórias acadêmicas. É frustrante saber que por algum motivo, os mesmos preferiram desenvolver metodologias bem tradicionais que muitas das vezes não são eficazes na vida do estudante e causam traumas e prejuízos psíquicos.

De acordo com Albom (2008), “todos os fins são também começos, embora quando acontecem, não saibamos ainda”. Para que hoje eu estivesse aqui foi necessário que eu passasse por momentos delicados, mas que embora no momento eu não aceitasse, hoje eu percebo que era apenas a chave para a construção de uma trajetória profissional e pessoal de sucesso e de empoderamento. Vejo que, todos os meus professores me marcaram de forma significativa e que fizeram em algum momento, eu perceber que eu gostaria de ser a mudança no ensino nas instituições.

O *bullying* também, esteve presente em minha trajetória acadêmica por ter língua presa, é um problema congênito que é quando uma faixa de tecido que amarra a ponta da língua afeta a fala e por esse fator fui motivo de chacota da turma e inclusive dos meus professores. A escola que deveria ser um lugar de segurança e proteção, infelizmente para mim, foi muita das vezes de sofrimento.

Por milhares de motivos e dentre os quais citei neste texto (auto)biográfico, foi o que me levou a escolher ser professora e fazer faculdade de Pedagogia, em busca de um novo recomeço para a história da educação. Somente hoje, ao escrever este capítulo percebo que serei uma profissional de suma importância para a contribuição do ensino e aprendizagem de minhas crianças e que meus traumas são apenas a minha força para querer ser a melhor profissional dentro e fora do âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

ALBOM, M. **As cinco pessoas que você encontra no céu**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREIRA, M. A. O que é afinal aprendizagem significativa? **Revista cultural La Laguna Espanha**, 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

SANTOS, J. de S.; CORDEIRO, S. M. S. Etnomatemática *versus* Matemafobia. **Margens**, [SI], v. 7, n. 8, p. 315-324, maio, 2016.

CAPÍTULO 7

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: RESSIGNIFICANDO AS PRÓPRIAS EXPERIÊNCIAS

Hyandra Nayara Bacury Rodrigues

O PRIMEIRO CONTATO COM A MATEMÁTICA: FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Eu particularmente não tenho muitas lembranças dessa fase da minha vida, mas, acredito que da Educação Infantil aos Anos Iniciais não tive nenhuma dificuldade ou sentimentos negativos quanto a matemática. Questionei a minha mãe para saber se ela teria alguma recordação desses acontecimentos e ela apenas pôde dizer que eu nunca tive dificuldades e que me relacionava bem tanto com a matemática quanto com as outras disciplinas. Acredito que, por ter tido essa boa relação, tive um bom desenvolvimento em todos os aspectos.

Após passar pelo ensino fundamental e médio, com certeza essa boa relação sofreu das mais diversas alterações. O ensino fundamental foi caótico para mim devido a um constrangimento devastador que um professor de matemática me fez passar, logo na quinta série e em uma escola que era nova para mim. Desde então passei a relacionar o conteúdo matemático com esse acontecimento e me distanciei da disciplina, e quando tentava me reaproximar e voltar a demonstrar interesse, novas situações desagradáveis ocorriam. Tanto que, até na escolha do meu curso de ensino superior, mesmo que confusa e cercada de incertezas, busquei aquele que me mantivesse o mais distante possível da matemática, justamente por causa dos meus medos e inseguranças.

Já na faculdade, antes de iniciar a disciplina de “A Criança e a Linguagem Matemática”, eu ainda mantinha esses sentimentos em relação à matemática, mas ao longo das aulas pude ver e entender que na verdade eu nunca fui ensinada da maneira que deveria, pois como disse, não tenho lembrança alguma, e ao assistir às aulas e apresentações de colegas vejo que nenhum dos métodos, atividades ou exercícios foram aplicados nos meus anos iniciais ou antes, nenhum desses momentos ou algo parecido estão presentes em minhas memórias.

PENSANDO SOBRE AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS...

Realizei em duas datas diferentes um teste que foi compartilhado em aula sobre as inteligências múltiplas, houve pequenas variações nos resultados. Ao ler sobre as três inteligências apontadas como predominantes (musical, intrapessoal e naturalista), pude concluir que a inteligência musical se relaciona com a lógico-matemática bem mais do que as outras em minha vida, pois as músicas e cantigas sempre contribuíram muito para o meu desenvolvimento e aprendizagem. A música é um alívio para mim, por mais que eu prefira o silêncio na maioria dos casos, ouvir uma música que gosto contribui muito para a

minha concentração em algo que eu precise ou esteja determinada a fazer, além de que é um caminho mais rápido para a memorização.

Até hoje, aos 21 anos, relembro a música "Os meses do ano"¹ de Patati & Patatá para identificar quais terminam em 30 ou 31 dias.

Apesar de ser apenas um teste na internet e não ser de fato uma constatação exata, após o resultado pude buscar em minhas memórias e identificar sim a inteligência musical como uma das mais predominantes em mim. Uma coisa que ouvi em uma das aulas é que, a matemática está presente em nossas vidas antes mesmo de nos darmos conta do que ela é. Tudo em nossa vida tem ligação com a Matemática, e essa informação me chamou muita atenção, pois de fato ela sempre esteve ali e eu nunca havia me atentado a isso, acredito que assim como tudo que compõe nossa rotina, ao longo do tempo foi se tornando invisível mesmo presente o tempo todo.

RELEMBRANDO OS INTERESSES E ROTINAS...

Como eu tenho somente memórias vagas, recorri mais uma vez à minha mãe para me ajudar a acessar minhas memórias e lembranças dos meus 4 aos 5 anos de idade. Minha mãe contou que aprendi a ler aos 4 anos e lia tudo o que via pela frente e quando as opções se esgotavam, sempre buscava por mais. Ela ressalta também que a curiosidade é algo que se faz presente em mim desde aquela época até os dias de hoje. Quanto à minha rotina, ela contou que: eu acordava pela manhã por volta das 7h, comia, tomava um banho morno, era empanada no talco e levada para a escola para fazer parte do coral até às 10h. Após retornar para casa, outro banho, mais uma refeição e ia para a escola às 13h e retornava às 16h45. O que pude entender, é que tudo se resume à pontualidade dos horários e refeições, pelo menos em casa, já que naquele tempo eu não era atenta a esses detalhes na escola.

Percebi que rever os meus álbuns de fotos da infância poderia ser de grande ajuda para resgatar algumas vivências, e deu certo, posso relatar que lembro de correr pelo quintal de casa que era bem grande, subir e descer barrancos, juntar folhas e comer frutas. Hoje vejo que a matemática já estava ali, desde a quantidade de folhas e seus formatos, do número de vezes que escalava o barranco e descia escorregando e o tamanho das frutas, que variavam de azeitonas pretas a mangas e cacaús.

Hoje, acredito que somente os horários foram mantidos, apesar da matemática coexistir em toda a minha vida, a pontualidade em meus horários é o que mais prezo por manter e respeitar. Um hábito que adquiri que não é herança da minha infância, é o de

¹ A letra da música citada diz: "Trinta dias tem Novembro, Abril, Junho e Setembro. Vinte e oito tem só um. Os demais tem trinta e um!".

coleccionar alguns objetos, como canetas, garrafinhas de água, esmaltes, moedas (só as brilhantes), algumas embalagens, dentre outros.

UMA CARTA PARA O MEU EU DO FUTURO

Bom, sendo bem sincera, não costumo fazer planos ou pensar muito à frente pois não saber se irei realizar tudo, acaba me assustando. Mas ao pensar em escrever uma carta para eu mesma do futuro me desperta o desejo de que toda e qualquer dificuldade quanto à matemática já tenho sido superada ou contornada, acredito que daqui para frente só me reste a evolução, e é claro que tudo isso está relacionado a um processo de construção contínuo, mas ainda assim espero estar livre de grande parte do peso das inseguranças e incertezas.

Então, espero que você, Hyandra, esteja mais segura, sei que traumas não são esquecidos, mas acredito que possam ser superados, assim como as dificuldades. Ao ler isso daqui há algum tempo, quero que tenha a sensação de que as coisas melhoraram, que o receio tenha se dispersado mais ainda, e que não precise mais fazer 5 vezes a mesma conta para ter certeza de que tal resultado seja o certo. Espero que ao ler isso, olhe para trás e tenha a sensação de alívio ao não sentir mais tanto medo de errar, que você entenda que os erros fazem parte para encontrar o caminho certo e que está tudo bem errar, pois é tentando que se aprende. Aprendemos com nossos acertos e erros também. Desde a escrita dessa carta, comecei a trabalhar muito nesse processo, espero que tudo tenha dado certo e valido a pena, e que as coisas estejam diferentes para você quando chegar a hora de ler isso outra vez.

O IMPACTO DOS DIFERENTES MÉTODOS DE ENSINO E A COMPREENSÃO DAS DIFERENÇAS

De certo modo foi decepcionante descobrir que há tantos métodos e fui ensinada de modo tão limitado que se quer tive lembranças para compartilhar nesta escrita (auto) biográfica, mas isso me motiva a fazer a diferença quando for a minha vez de ensinar, sabe?

Acredito que todos nós quando estamos na graduação queremos nos formar e saímos com a ideia de mudar o mundo, aplicando tudo o que aprendemos, mesmo sabendo que quando nos deparamos com a realidade as coisas mudam. Tenho medo de me tornar tudo aquilo que não admiro em um profissional da educação, de ficar sempre no automático e trabalhar apenas por já estar acostumada à rotina e não por gostar de fazer o que faço, de deixar de dar o meu melhor por achar que não vale a pena.

Lembro de ouvir nas aulas algo que dizia sobre não projetar nas nossas crianças as coisas ruins que passamos, e isso acabou me marcando muito e serviu de apoio para que eu

estabelecesse essa ideia de fazer a diferença, de pegar tudo aquilo que eu sofri e não deixar que criança alguma passe pelo mesmo. Afinal, acho que é sobre isso, transformar coisas ruins em boas e fazer diferente, é sobre não deixar que meus futuros alunos tenham más experiências.

UM TURBILHÃO DE EMOÇÕES: A EXPERIÊNCIA DE ESCREVER UM DIÁRIO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

As minhas memórias quanto à matemática nos anos iniciais são quase inexistentes e as que eu tenho são traumáticas e ainda não sei lidar muito bem com elas. E como eu venho relatando, minha relação com a matemática tem melhorado de modo significativo e isso se dá ao fato de ter conhecido a disciplina desde o princípio da vida escolar através das aulas na escola básica. Uma dessas “memórias traumáticas” que resgatei em minhas lembranças durante o processo de escrita e que não me afeta tanto e posso relatar é a de quando a professora fazia semanalmente dois grupos com o mesmo número de alunos e pedia para realizarmos perguntas de multiplicação de determinado número da tabuada, e caso alguém errasse, o aluno que fez a pergunta estava autorizado a dar a famosa “chulipa” no aluno que errou.

Não lembro exatamente a série, mas acredito que tenha sido entre o 1º e o 4º ano. Eu não sabia a tabuada, tinha medo de errar e ser punida, então eu contava nos dedos o mais rápido que podia, era fácil já que não podíamos usar os mesmos números, então eu memorizava os que já haviam sido eliminados e somava os que restavam. Hoje fico triste descobrindo que há tantas formas de se ensinar matemática e de introduzi-la à vida de uma criança, penso que não havia paixão no trabalho que essa professora fazia. É triste pensar que essas experiências me fizeram ter medo de errar, embora seja com os erros que aprendemos. De certo modo, me foi tirado o direito de aprender, de tentar. A compreensão dessas coisas vieram para mim por meio do amadurecimento e do estudo.

Enfim, depois de tudo isso, de tantas aprendizagens e experiências, agora existe uma nova versão minha, quem eu era antes da disciplina de “A criança e a linguagem matemática” ainda está aqui, mas não é mais a figura principal de quem eu sou. Minhas perspectivas são outras, fico feliz em saber que tudo aquilo que um dia não me fez bem, pode e será transformado em coisas boas e que eu farei de tudo para que qualquer criança sob o meu alcance construa uma relação saudável com a matemática.

Às terças-feiras de 2022, entre 7 de junho e 13 de setembro, mudaram as minhas perspectivas.

CAPÍTULO 8

**NEM TUDO SÃO CÁLCULOS E FLORES: O CONTAR
DE SI E A CONSCIÊNCIA DE QUE SER LGBTQIA+ NO
BRASIL É UM ATO DE RESISTÊNCIA**

Gabriel de Castro Vieira

*Eu vim pra te mostrar
A força que eu tenho guardado
O peito tá escancarado
E não tem medo, não, não tem medo
[...]
A minha voz é meu império
A minha proteção!
Anavitória*

O mundo no qual vivemos sempre foi marcado por situações conflitantes e muitas vezes injustas. O preconceito sempre existiu e diz respeito ao prejulgamento das pessoas em relação à determinada situação. O que se faz necessário entender é que todos nós, enquanto cidadãos em uma sociedade, somos seres plurais. Por conta disto, devemos enxergar o outro para além das suas diferenças ou características.

É necessário que exercitemos o respeito, a empatia e busquemos nos colocar no lugar do outro, no decorrer das nossas vivências. Na infância, por exemplo, raramente entendemos determinadas coisas de imediato. É válido ressaltar que é nessa fase de descobrimentos, experiências e desenvolvimento sociais que alguns traumas podem surgir. Vários problemas emocionais podem aparecer nessa fase, conseqüentemente gerando impactos negativos na saúde mental.

Cresci em um lar relativamente saudável, no qual morávamos eu, meu irmão e meus pais. Por ter nascido em um berço religioso, minha rotina baseava-se em exercer minhas atividades na escola e também na igreja. Lembro-me da facilidade em me relacionar com os outros, inclusive era algo que eu apreciava. Sempre elogiado por ser comunicativo, espontâneo, alegre e muito conversador, nenhuma pessoa ousaria falar que eu não tinha uma vida feliz, ideal e plena.

Mesmo sempre tão ocupado com as atividades escolares, principalmente pelas funções delegadas a mim na igreja, eu sentia que algo estava fora de sintonia, simplesmente por eu não conseguir me encaixar em determinados contextos. Pude então notar certo acompanhamento comigo por parte de algumas pessoas que se encontravam em minha volta. Era uma perceptível vigilância rotineira com meu comportamento.

Meus gostos sempre foram diferentes da maioria dos garotos da minha escola. Desta maneira, por vezes eu me sentia deslocado, principalmente no ambiente escolar, sendo este o local que eu mais frequentava. Naturalmente, meu ciclo de amizade era majoritariamente composto por garotas. Ao mesmo tempo que eu me via acolhido por todas elas, eu comecei a enfrentar algumas situações provenientes de alguns garotos que estudavam na minha sala. Cheguei a ser cobrado inúmeras vezes, por exemplo, pela minha falta de interesse

em jogar futebol. Eu definitivamente detestava o fato de passar minutos do meu tempo correndo atrás de uma bola.

Comecei a notar que as perseguições comigo não cessavam e depois de um certo tempo, eu não consegui mais ignorar ou fingir que não me importava. Tudo aquilo começou a me afetar literalmente. De garoto carismático e alegre comecei a ficar introspectivo, exausto mentalmente e eu não entendia o porquê. Em uma das tentativas de encontrar um pouco de paz na escola, tomei a decisão de conversar com a diretora da instituição. Me preparei para ter uma conversa franca com ela, estando disposto a relatar toda a perseguição que eu sofria.

O tão esperado momento chegou e me dirigi até sua sala. Chegando lá, sentei-me e comecei a descrever como era a minha vivência dentro da escola bem como todos os ataques, cobranças e piadas feitas comigo. Inicialmente, a abordagem feita pela diretora foi baseada em um discurso um tanto emotivo e religioso, que eu só consegui entender muito tempo depois, para ser mais exato, na vida adulta.

Resgatando as memórias vividas, lembro-me de ter sido invalidado e questionado pelo meu jeito delicado e afeminado com o qual eu me portava. Pela primeira vez na vida eu tive minha sexualidade questionada. Vi a culpa sendo transferida para mim de algo que eu não tinha culpa ou controle. Eu precisava lutar contra aquele “mal” para que os outros pudessem me respeitar. Essa foi a missão dada a mim e posteriormente passada para os meus pais, sem meu consentimento.

Desde então, me vi em um labirinto no qual eu nunca achava uma saída. Eu passei a me vigiar mais, tomando cuidado para manter uma postura cabível e mais máscula possível dentro do contexto heteronormativo no qual eu me encontrava. A igreja teve grande participação nesse processo, juntamente com meus pais, que alimentavam a necessidade de me terem em campanhas religiosas de libertação. Foram momentos bem ruins, os quais desencadearam severos problemas emocionais em mim.

Nessa altura do campeonato, eu já me encontrava totalmente fraco e o meu baixo rendimento escolar, principalmente com a matemática, começou a chamar atenção. Foi um longo processo para que eu entendesse alguns assuntos específicos da disciplina. Em casa, eu tinha um certo acompanhamento e não demorava muito para surgirem os gritos, a impaciência, por vezes eu cheguei a ouvir que a minha situação era uma missão impossível. Eu literalmente passei a não acreditar em mim mesmo e isso diminuía significativamente a minha capacidade de assimilar os conteúdos os quais eu precisava aprender. Adjetivos como desinteressado ou preguiçoso eram taxados a mim com certa frequência. E mais uma vez, tudo isso penetrava em mim de forma que eu pensava que o problema era eu.

Após inúmeras tentativas de achar uma solução, meus pais optaram por contratar um serviço de reforço escolar. Inicialmente, fiquei receoso pois comecei a desenvolver um certo medo das pessoas que se aproximavam de mim. Logo imaginei que a professora de reforço iria tentar me oprimir de alguma forma. Esperei então a chegada do dia em que iria conhecê-la. Na tarde em que tivemos o primeiro contato, eu estava muito acanhado, fato este que mudou conforme fomos desenvolvendo uma sincera conversa. Ela se chamava Luciana, se expressava de maneira calma, bondosa e gentil.

A professora Luciana, que inicialmente chegou com a missão de me ajudar com os conteúdos de matemática, dedicou uma tarde inteira para conversar comigo. Ao resgatar memórias desta época, pude entender o quão importante foi essa atitude por parte de uma profissional, sobretudo, de um ser humano que teve a sensibilidade de entender o que estava me afetando ao ponto de me paralisar. Pela primeira vez eu pude perceber que eu não era um problema, muito menos que eu havia nascido com algum defeito. Todo aquele sentimento de incapacidade e inferioridade era apenas o reflexo do que as pessoas projetavam em mim baseadas em seus achismos, crenças e ideais. A grande questão é que quando uma criança é posta a qualquer tipo de tortura física ou psicológica, ela tem sua liberdade e inocência violada da pior forma.

A LGBTfobia é uma realidade que sempre existiu. Infelizmente estamos no país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo. Quando paramos para analisar este fato, passamos a entender o porquê de haver tantos casos de intolerância e violência advindas de grande parcela da sociedade, sobretudo, a razão pela qual devemos unir forças para enfrentar e reprimir qualquer ação discriminatória, seja com quem for.

Nasci homossexual, dentro um berço religioso, enfrentando as mais diversas repressões, em grande parte advindas do próprio meio familiar. Mesmo passando por essas experiências, eu sigo na minha missão de encorajar cada vez mais pessoas a lutarem por essa causa tão importante. Sigo com a missão de encorajar pessoas a não terem medo de serem quem realmente são e mais, a não deixarem que novos “Gabrieis” sejam afetados pela crueldade que o mundo proporciona.

CAPÍTULO 9

MINHA NADA MOLE VIDA MATEMÁTICA

Aghata Beatriz Bezerra Jensen

A MATEMÁTICA NA INFÂNCIA: DILEMAS DA COMPLEXIDADE DO APRENDER

A matemática em si, sempre foi algo muito longe, algo inalcançável. Sempre fui a aluna mediana, a que tirava a nota mínima para passar. A partir de relatos de familiares, os mesmos disseram, que a minha dificuldade com os números era de extrema clareza. Coisas simples, como contas de adição, subtração e entre outras, era incrível a minha capacidade de achar um empecilho.

Trazendo essa situação para um olhar pedagógico, segundo Ferreira (2017, p.11) a dificuldade de aprendizagem é compreendida como uma “forma peculiar e complexa de comportamentos que não se deve necessariamente a fatores orgânicos e que são por isso, mais facilmente removíveis”. Geralmente essas situações acabam sendo desencadeadas através de algum fato com teor negativo, trazendo até mesmo uma certa resistência ao esforço pessoal e ao de seus professores, gerando um aproveitamento pedagógico insuficiente e autoestima negativa.

Analisando esse fato, é possível citar algo muito semelhante, e que por um certo motivo acabou sendo bloqueado no meu subconsciente. Através de algumas conversas, foi possível recordar de um momento bem específico, em que eu tinha apenas 08 anos de idade e minha mãe foi chamada na escola pela pedagoga e a mesma relatou, que eu só poderia continuar na instituição de ensino caso o meu desempenho na disciplina melhorasse. Minha mãe tentou rebater dizendo que o problema era apenas naquela matéria, pois nas outras eu sempre fui destaque, e a resposta da pedagoga foi que eles não aceitavam alunos medianos, pois a escola era feita de alunos destaques. Para não me prejudicar naquele primeiro momento, minha mãe não mediu esforços em me auxiliar ao máximo possível, mas na primeira oportunidade me retirou da escola e me matriculou em uma instituição mais simples, onde lá tive todo apoio possível.

Hoje analisando essas situações, é notório que a matemática realmente tem seu grau de dificuldade, mas olhando por uma outra vertente, é possível perceber que a minha dificuldade não foi por falta de incentivo familiar ou por falta de vontade de aprender. Acredito que devido a essa situação hierárquica no ensino, de não permitir que os alunos tenham aptidões em apenas algumas disciplinas, acaba criando-os como máquinas e consecutivamente gerando bloqueios de aprendizagem, podendo assim, ser refletido posteriormente através de problemas psicológicos, por não acharem que são capazes de alcançar os seus objetivos.

O FUTURO E A CORAGEM DE ACOLHER AS MINHAS IMPERFEIÇÕES

É tão difícil escrever algo com tanto significado e que tenha o poder de te acolher, principalmente quando você é extremamente crítica consigo mesma. Mas o que seria de nós sem os desafios para enfrentar? Sem um problema de matemática para resolver? Nada mais justo do que ter a coragem de acolher as suas imperfeições, especialmente quando se trata do futuro e suas suposições. Dito isso, acredito que a melhor maneira é olhar para frente e ver o quanto você amadureceu e se tornou quem sempre sonhou. E comecemos pelo agora.

Olá, Aghata, tudo bem?

Espero que sim. Sei que a nossa vida não é fácil, sempre assumindo responsabilidades que vão muito além do que podemos e ficamos no ápice da loucura. Então por lhe conhecer tão bem, sei que está vivendo um dos momentos mais desafiadores da sua vida, pois sabemos que dar aula sempre foi algo muito distante do que você queria, mas saiba que acredito em você, até porque, se fosse ao contrário, nem estaria escrevendo isso para você. Não vai ser um desestímulo na infância que vai tirar você do caminho correto. Hoje transbordo de alegria ao ver que aquele bloqueio, aquele medo sobre a disciplina de matemática tenha passado. Você está do outro lado, está como docente, espelhando vários caminhos e acolhendo com doçura aqueles que mais necessitam de ti.

Mesmo nos dias mais difíceis, lembre-se que somos responsáveis por realizar todos os sonhos daquela menina, que um dia sonhou pela gente, aquela menina nos impulsionou a chegar aonde chegamos, pois ela sim, acreditou em cada passo e em cada conquista.

Eu não sei bem o que te motivou a ler essa carta, mas tenho certeza de que você achará uma solução. Porque você sempre acha, consegue e tem força de vontade que escancara todas as portas. Pelo bem que te conheço, ou melhor, me conheço, sei que deve ter chegado nesta parte da carta chorando. Pois bem, chegou a hora de enxugar esse rosto e voltar a encarar a vida de cabeça erguida e com o sorriso de sempre. Eu amo você e confio nas suas decisões. Você veio ao mundo para ser feliz e acolher quem precisar, mas não esqueça, antes de acolher alguém, aprenda a se acolher também, estamos nesse processo e não está sendo muito fácil. Não perca o foco e até logo mais.

DESCOBRINDO O VERDADEIRO SENTIDO MATEMÁTICO

Foram dias e caminhadas muitos intensas para descobrir o verdadeiro sentido matemático. Dias que foram necessários ficar ajoelhada no meio da mata para recolher pedras, andar para cima e para baixo com caixas e garrafas pets, fazer posições nada convencionais com uma bola presa no pescoço ou até mesmo pular igual a um sapo no meio da sala. Você vai me perguntar “mas você fez tudo isso por alguns pontos?”, e eu te respondo que não. Tudo bem, no primeiro momento, eu queria atingir a pontuação total, mas depois fui levando as situações com mais leveza, aquela pontuação já não significava tanto assim como o fato de me sentir livre e expressar da forma mais aberta a minha opinião, dando margem de mostrar quem eu realmente era e o que precisava encontrar.

Acredito que quando fazemos algo que gostamos, além de dar um novo sentido para a nossa vida, transformamos a vida das outras pessoas também. Hoje a Aghata com

bloqueios e medos que iniciou o período, não existe mais e não é motivo para ficar triste, pois a Aghata que existe agora é uma pessoa forte e que enxerga a sua profissão com mais amor.

REFERÊNCIA

FERREIRA, J. A. M. **Acolhimento institucional e as dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2017.

CAPÍTULO 10

DIÁRIO DE UMA PROFESSORA QUE ENSINARÁ MATEMÁTICA EM (TRANS)FORMAÇÃO

Kellen Vitoria Costa de Oliveira

SOBRE O DIÁRIO

O presente diário é um reflexo de uma jornada acadêmica, construída de forma coletivamente e individual durante as aulas da disciplina de A criança e a Linguagem Matemática presente na matriz curricular do curso de Pedagogia, com objetivo central de conhecer as vivências dos alunos com a disciplina durante a primeira etapa da Educação Básica, e fazer com que estes reconhecessem também a importância da escrita (auto)biográfica, como um relato de exposição de seus pensamentos, de suas individualidades, e principalmente de sua história com a disciplina.

A proposta da criação do diário foi algo novo, gerou muitas expectativas, tanto no autor da pesquisa, como entre os estudantes da disciplina, e o final dessa proposta resultou em obras criativas e importantes para as próximas gerações de escritores.

Ao longo das aulas foi determinado uma atuação literária nos dias de ateliê, os alunos iriam receber uma pergunta para serem lembradas nas lembranças e refletidas como escrita nas palavras do estudante, com adicional de uma atividade de entrevista, esse conjunto de atividades fariam parte de cada capítulo da obra final. Portanto, o relato aqui constatado deve-se das (minhas) experiências com a matemática, onde serão apresentadas entre as próximos cinco seções.

A primeira seção, a Matemática das vivências passadas, é um relato sobre as (minhas) lembranças e sentimentos atrelados a memória matemática na Educação Infantil. Já a segunda seção, os interesses da infância e o cotidiano matemático, é uma descrição do dia a dia, das brincadeiras, e sobre como, comparando o agora com o passado, a Matemática estava envolvida na minha vida.

A terceira seção, dicas do passado para o futuro, uma mensagem para o meu eu, refere-se a uma carta para o futuro, partindo da graduação para o profissional do futuro. A quarta seção, do marasmo para o novo dinamismo, é uma descrição de comparação entre a literatura da matemática atual com as experiências com a disciplina em (minha) época. A última e quinta seção, da escrita formal para a escrita livre, é uma análise sobre a dificuldade ou facilidade do processo de escrita deste capítulo (auto)biográfico.

A MATEMÁTICA DAS VIVÊNCIAS PASSADAS: O RETORNO AO CENTRO EDUCACIONAL GURILÂNDIA

Durante muito tempo, nunca percebi que a travessia de um ensino para o outro pudesse ter tanta importância sobre como vejo a Matemática, mas foi fundamental para os

primeiros passos nessa longa caminhada. Os anos que se seguiram estão imersos em ótimas lembranças, mesmo no começo, houve sim, muito choro por deixar o meu lar e adentrar em um lugar desconhecido. Porém, havia bons professores, como a professora Kedma. O começo foi difícil, mas com o tempo foi tornando-se divertido, e o meu círculo social começou a se expandir com o tempo.

Apesar de pequena, a escola era bem equipada, e mesmo que faltasse algo, os pais eram dedicados com os materiais e os horários. Ao evocar tais lembranças, recordo das visitas que a professora nos incitava em fazer após a dinâmica de entrada (no qual consistia em lavar as mãos, passear em um “trenzinho” com formato de lagarta e voltar em fila indiana para as atividades em sala de aula), uma das visitas era o laboratório. No laboratório havia música na TV, mesinhas, brinquedos e os materiais escolares.

Um dia, a professora disse que iríamos trabalhar com uma atividade de representação com massinhas, na época eu já conhecia alguns números, ficou marcado nas minhas lembranças, pois eu gostava de “anotar” os números na parede ou nos mapas das viagens que meu pai fazia quando ia vacinar gado no interior. A atividade foi bastante divertida, tinha massinha de modelar, e enquanto fazíamos bolinhas da massa, tocavam algumas músicas (Xuxa, nessa época era primordial aparentemente). Também podíamos representar os números com outros objetos de madeira, eles tinham vários formatos.

Mas apesar de toda diversão na escola, gostaria de destacar um ponto negativo, em relação aos pais. Muitas vezes vocês podem ser muito protetores e atrapalham mais do que ajudam, e o mesmo vale para quando colocam pressão demais nas crianças. E essa pressão que me refiro são exatamente as palmadas para “aprender”, isso atrasa muito o aprendizado, portanto, se quer que a criança aprenda, deixe ela prosseguir em seu tempo.

Enquanto escrevia sobre essa época, senti uma vontade gigante de descrever o que eu sentia enquanto falava sílaba por sílaba MA-TE-MÁ-TI-CA, destacamos: hesitação e esperança. Hesitação pela ideia de professor que possuo, por exemplo, um bom profissional. O que seria um bom profissional para mim? Eu diria que, é o sujeito que primeiro, busca a melhor forma para aprender um assunto para si mesmo, aquela pessoa que investe em si, e só então, depois de ter um domínio sobre o conhecimento adquirido, se permite em compartilhar, se permite ensinar e aprende a observar pontos de vista diferentes. No decorrer do percurso, surgem duas opções de caminho.

A primeira opção de caminho quando falamos de ensino e de aprendizagem se refere ao retorno, quem nunca ficou perdido em uma atividade, ou mesmo enrascado em algum conteúdo em que todos compreendem ou dizem que compreendem, menos você?

O primeiro, você retorna e auxilia aos “perdidos” (Aviso: irá demora mais tempo, custa muito mais dedicação, e não irá receber um bônus por isso), depois de sanar as dúvidas, retoma ao ponto onde parou, e o segundo, você segue e perde esse estudante, por priorizar o grupo. A segunda opção do caminho, é o prosseguir no conteúdo. Então a hesitação toma conta de mim, é sábio dizer que muitos professores se perdem no processo enquanto exercem seus papéis, e retornam as antigas amarras do passado. Então faço-me esta pergunta: Serei o tipo de professora que irá forçar o conhecimento no aluno, como um remédio amargo? Se conheço bem a gravidade dessa situação, como ser uma educadora determinada e disposta em quebrar as correntes do passado?

Não tenho como responder isso ainda, mas desejo fazer o meu melhor com base no sentimento contínuo de esperança por tempos melhores.

OS INTERESSES DA INFÂNCIA E O COTIDIANO MATEMÁTICO

Os interesses da criança servem de base sobre como ela terá uma conexão com o mundo externo, e assim por diante. Os interesses que estavam envolvidos em minha infância tinham muito a ver ainda com o visual do dia a dia e implementados nas brincadeiras, como: brincadeiras sobre ser professora, sobre ser uma chefe de restaurante muito importante, juíza de brincadeiras, até mesmo itens do festival folclórico.

A fase da escola marcou bastante essas brincadeiras de escola, pois, tudo o que era observado nas salas de aula, no próprio laboratório, eram usadas na brincadeira, principalmente a fase de contagem de números, como identificar certo número de goiabas, acerolas, caju, mangas, e tudo o que eu encontrasse no quintal para a hora da “aula”. Muitas vezes, até ensinava minha vizinha sobre a escola.

À noite, quando minha avó colocava os discos na caixa de tocar, e isso me faz recordar bastante da minha bisavó no pátio da casa da vovó que olhava todo o espetáculo criado por minhas primas, meu irmão e eu durante as brincadeiras de ser itens do boi Caprichoso. Essa brincadeira era uma espécie de reflexo do próprio festival, onde narrávamos tamanho e peso das peças de roupa, altura das alegorias, e até cantávamos a contagem inicial. A verdade? Enlouquecíamos a minha avó, era muito divertido, menos a parte com quatro crianças gritando toda hora por atenção.

Aos sábados, no quintal, meu local de experimentos, onde exercia o segundo “trabalho”, chefe de cozinha. As medidas, eram tampinhas de refrigerante e as panelas eram os copos de casa, tudo virava uma bagunça quando a chefe estava na cozinha, pois o meu

rival era um boneco de dinossauro que queria ser o melhor. Era nessas horas que a juíza, no caso, eu mesma, chegava para avaliar o prato mais bonito.

E sim, eu sempre ganhava. Como pode ver, era uma criança com bastante imaginação, mas deve estar se perguntando, onde está a Matemática? Talvez fique impressionado(a), mas em tudo, e só pude também perceber ao escrever sobre isso, desde o ensinar os números, contar alimentos e itens imaginários, compreender medidas, e dando notas, tudo faz parte dessa Matemática inicial e que está presente no cotidiano.

DO PASSADO PARA O FUTURO: UMA CARTA DE MIM PARA MIM MESMA

Oi, futuro eu, sim, eu mesma, você! É curioso começar uma carta assim, não?

A verdade é, eu não sabia como começar uma carta para mim, então optei por tornar algo reflexivo de ser lido, com complemento da história com a disciplina. Durante as aulas do professor Felipe, tivemos de enfrentar alguns obstáculos, alguns fáceis, e outros, um pouco mais difíceis. Mas tudo por um bom motivo, e qual seria? O fortalecimento para o que virá.

É fato, quando entramos na faculdade, chegamos com uma visão romantizada sobre o curso, e até esquecemos de certos traumas sobre a parte matemática. Às vezes, pode soar uma visão ignorante e estigmatizada, com vários desbloqueios de memória. Mas, olha, educação é sobre isso... Falar sobre seres humanos é falar sobre tudo isso, pois não é somente a nossa família que nos molda, a escola também nos molda, principalmente as pessoas.

Por um longo tempo a Matemática foi aquilo inalcançável, chato (muitas vezes), algo como um novo mundo não habitado. Todavia, com os instrumentos didáticos certos, e um mestre, que lhe dê o apoio necessário para que você mesma acredite em seu potencial, tudo pode ser superado. A visão do futuro que possuo, é ser esse mestre, que escuta, que sabe como conversar com o estudante de modo à engajar o melhor deste, assim como meus professores fizeram comigo.

Agora, vamos falar sobre conselhos, primeiramente, não se preocupe tanto de achar que não está fazendo um bom papel de professora, isso não existe. Na realidade, todos temos essa habilidade, basta que tenhamos paciência e foco para seguir o que buscamos. Segundo, escute os outros, mas não tenha medo de seguir o que acha ser o certo, pode dar medo, mas somente assim conseguimos ter avanços na vida, por mais que ninguém acredite em ti. Terceiro, seja fiel ao que você é, se és criativa, use isso em seu favor, e talvez o mais importante de todos, saiba observar o que faz daquele estudante ser ele, olhe atentamente

para a pessoa a sua frente, algumas pessoas podem estar perdidas e não conseguem achar as ferramentas necessárias para pedir ajuda.

DO MARASMO PARA UM NOVO DINAMISMO

Por muito tempo a literatura voltada para a disciplina de Matemática sempre pareceu ser resumida em uma leitura enfadonha para os estudantes. Não foi diferente para esta autora. Ao conhecer e realizar uma comparação com o antes e o agora, obtivemos vários resultados, cada um acompanhado de um sentimento e diferentes sensações. Durante a transição das idades, o incentivo à leitura é essencial para que a criança desperte a curiosidade pelas palavras e sua simbologia.

Tive bons momentos com os livros, mas o que definitivamente marcou-me foi um livro de receitas vermelho da Turma da Mônica, pois além de trazer muitas figurinhas, e receitas deliciosas, me fez gostar bastante de ler sobre as porções e quantidades de ingredientes que podem estar envolvidos durante a execução da receita escolhida. Era um livro formidável!

Com o passar do tempo, fui introduzida em livros mais didáticos da escola, e que por vezes me faziam literalmente dormir. Entretanto, quando ia a biblioteca, um mundo literário totalmente diferente da sala de aula se erguia a minha frente. Hoje em dia, não é desse modo, avançamos bastante nessas questões, por mais didáticos que tentem ser, o professor faz desse material ser divertido, e significativo. As características marcantes e perceptíveis do novo ensino matemático escolar foram: A facilidade de compreender os conteúdos, a dinamização dos assuntos, a praticidade das atividades focadas na curiosidade dos estudantes, e além de representar uma mudança substancial no ensino tradicional.

Em contraponto que, na educação básica, o ensino da época de 2004-2005, ainda era focado em um ensino tradicional, dinâmico. Mas como tradicional-dinâmico? Praticamente, o que era observado nas práticas era a contagem de formas escolhida pelo professor, e o aluno, somente era um expectador que só podia apresentar resultados. Mas no agora podemos observar muitas mudanças na literatura, e mesmo na dinâmica do livro em sala, os educadores compreendem o quanto um livro pode comportar em si tantos saberes, e não esperam somente que este material seja o foco da aula, mas colocam as teorias em prática.

DA ESCRITA FORMAL PARA A ESCRITA LIVRE

Escrever nem sempre foi um ponto forte sobre mim, talvez o desenho tivesse sido uma opção melhor, mas não é devido a sua dificuldade, e sim uma questão de preferência.

Escrever no começo é como ser engolida por um monstro gigante, e cair num buraco profundo. Mas, também pode ser como um tornar a viver. Sair de um abismo escuro, e encher os pulmões de ar e do primeiro raio de luz do mundo.

A minha escrita anterior era formal, mas possuía um ar deprimente. Ao entrar na escola, e mesmo na universidade somos requisitados a escrever de forma acadêmica, sempre lembrando de escrever em terceira pessoa. Mesmo escrevendo em primeira pessoa, ainda é difícil se desvencilhar das correntes do passado. Em contraponto, é libertador escrever de forma livre, dado que, descrever experiências e impressões próprias, é necessário do uso de seu ponto de vista para reviver em palavras esses momentos.

Em síntese, a construção deste capítulo, possibilitou a prática do pensamento crítico-reflexivo, visto que o autor pôde retornar ao passado, se conhecer no papel de aluno, e retornar como um professor em formação, trazendo das profundezas da memória uma compreensão sobre profissional desejado em mente, os obstáculos, as vitórias, a forma como irá concluir essa caminhada.

Cada vez menos a sociedade atual faz uma pausa para pensar. Como educadores, “parteiros de ideias”, devemos sempre nos questionarmos: Qual é o perfil de estudantes que desejamos formar? E como formar as próximas gerações? Espero no futuro, responder tais questões com mais clareza, mas agora devemos focar no nosso próprio papel na Educação. Agradeço ao professor Felipe, por me auxiliar nesse aprofundamento sobre mim mesma e sobre o papel que devo tomar diante da sociedade atual.

SOBRE OS AUTORES

Aghata Beatriz Bezerra Jensen é estudante do 10º período do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou do Programa de Iniciação Científica (Pibic) 2020-2021, na vertente da Gamificação e do Programa de Iniciação Tecnológica (Pibit) 2022-2023, na área de desenvolvimento de livros digitais, ambos pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Atualmente atua como Bolsista do Programa de Residência Pedagógica pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Possui interesse nas áreas de Educação Ambiental e Políticas Públicas.

Felipe da Costa Negrão: Graduado em Pedagogia. Especialista em Neuropsicopedagogia, Didática do Ensino Superior e Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos. Mestre em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutorando em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do Grupo de Pesquisa em Sociologia Política da Educação (GRUPESPE). Membro da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM). Membro da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph). Desenvolve estudos investigativos no campo da formação de professores e pesquisa narrativa.

Gabriel de Castro Vieira é egresso do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É pós-graduando em Psicopedagogia e Educação Infantil. Atualmente trabalha com a escolarização de alunos com Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Possui interesse nas áreas de Educação Especial e Educação Inclusiva.

Hyandra Nayara Bacury Rodrigues é acadêmica do 10º período do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou do PACE “Explorações Matemáticas, Ludicidade e Educação Infantil: desafios e possibilidades partir da Educação Matemática” em 2022. Possui interesse nas áreas de Literatura Infantil e Educação Indígena.

Josiane Lima Cavalcante é estudante do 10º período do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou do PACE “Educação Infantil: a contribuição da psicomotricidade para o desenvolvimento da aprendizagem em crianças pré-escolares” em 2022. Atua como apoio escolar da SEMED para alunos da Educação Inclusiva. É voluntária de monitoria na disciplina Antropologia em Educação. Possui interesse nas áreas de Literatura Infantil, Educação Inclusiva e Alfabetização.

Kellen Vitoria Costa de Oliveira é acadêmica do 10º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É vinculada ao Laboratório de Formação de Professores para o Desenvolvimento Metacognitivo-Crítico. Participou do Projeto “Educação na Socioeducação: Intervenção com adolescentes em cumprimento de internação” promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Amazonas em 2018. Participou do PIBEX-00176/2021. Foi voluntária de monitoria na disciplina de Filosofia da Educação I. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica, e contou com o financiamento da UFAM – PIB-H/0035/2022. Atualmente participa como bolsista na elaboração do segundo projeto PIB-H/0214/2.

Luana Alfaia da Costa é estudante do 10º período do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica (PIBIC). Participou do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Mayane Serrão da Silva é estudante finalista do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), no período de 2020-2022. Bolsista no Programa Residência Pedagógica, no período de 2022-2024. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Políticas, Violências e Instituições (GEPPEvi).

Rosiane da Silva Barbosa é acadêmica do 10º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica e contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - PIB-H/0042/2022. Participou do Programa Residência Pedagógica (Capes). É pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Políticas, Educação, Violência e Instituições (GEPPEvi).

Suzana Evilly Gomes Atayde é graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atua como mediadora na Secretaria Municipal de Educação-SEMED. Participou como voluntária do PIBIC (2022-2023) com a temática “A oralidade nas Políticas Públicas para a Educação e nas produções Acadêmicas (2000-2020)”. Atualmente sua principal temática de pesquisa é sobre os desafios dos professores frente às crianças imigrantes no âmbito escolar na cidade de Manaus. Possui interesse nas áreas de Educação Especial, Educação Inclusiva e Educação Infantil.

MÁ-TEMÁTICA E MATEMÁTICAS: TRAVESSIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL

O livro “Má-Temática e Matemáticas: Travessias (auto)biográficas de professores em formação inicial” é fruto de reflexões críticas acerca do ensino de matemática a partir de práticas pedagógicas com diários narrativos no curso de Pedagogia da UFAM. O diário de educação matemática é um dispositivo de formação que congrega perguntas norteadoras sobre a matemática entretempos (passado, presente e futuro), possibilitando que o professor em formação reúna registros e episódios (auto)biográficos significativos com a disciplina, incitando a reflexão de si e modos outros de conceber a docência. Nesse sentido, os capítulos dessa obra revelam duas formas de pensar a matemática na Educação Básica: a má-temática, temida e experienciada com violência, opressão e atividades de cunho mnemônico. E as matemáticas, no plural, representando as infinitas possibilidades de trabalho pedagógico com os números, medidas, formas e demais conteúdos.

Organizador

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos,
Belém - PA, CEP: 66045-315

